

Elisa Dalla Bona Bittencourt

CASA DE MEMÓRIA DA CULTURA DE TERREIRO:

a religião de matriz africana em Ouro Preto - MG

CASA DE MEMÓRIA DA CULTURA DE TERREIRO:

a religião de matriz africana em Ouro Preto - MG

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Rodrigo da Cunha Nogueira

Discente: Elisa Dalla Bona Bittencourt

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

B624c Bittencourt, Elisa Dalla Bona.

Casa de memória da cultura de terreiro [manuscrito]: a religião de matriz africana em Ouro Preto (MG). / Elisa Dalla Bona Bittencourt. - 2026.

66 f.: il.: color., tab., mapa. + Projeto Arquitetônico.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo da Cunha Nogueira.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Minas. Graduação em Arquitetura e Urbanismo .

1. Arquitetura e religião. 2. Cultura afro-brasileira. 3. Cultos afro-brasileiros. 4. Museu. 5. Memória - Cultura. I. Nogueira, Rodrigo da Cunha. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 72:711.4

Bibliotecário(a) Responsável: Soraya Fernanda Ferreira e Souza - CRB6/2322



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE MINAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Elisa Dalla Bona Bittencourt

Casa de Memória da Cultura de Terreiro: a religião de matriz africana em Ouro Preto - MG

Monografia apresentada ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo

Aprovada em 22 de julho de 2026

Membros da banca

Doutor - Rodrigo da Cunha Nogueira - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutora - Monique Sanches Marques - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestre - Adelaide Dias - (Arquiteta e Urbanista)

Rodrigo da Cunha Nogueira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 15/09/2026



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo da Cunha Nogueira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/09/2026, às 20:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1192420** e o código CRC **9735A37B**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.011317/2026-14

SEI nº 1192420

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: 3135591594 - www.ufop.br

MEU ORÍ ME TORNE GRANDE
MEU ORÍ ME TORNE GRANDE
MEU ORÍ ME TORNE GRANDE
MEU ORÍ ME TORNE GRANDE
MEU ORÍ ME TORNE GRANDE

Dedico esse Trabalho Final da Graduação à Maria Navalha
por ter me trazido pra Universidade Federal de Ouro Preto,
e ao seu Zé Pilintra, por garantir que eu terminasse com êxito.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço aos meus guias, por terem me dado caminhos para chegar até aqui.

Aos meus pais, Jonaína e Marcelo, por todo o suporte e ensinamentos, mas principalmente por terem me ensinado a usar minhas asas pra voar.

À Karine, minha orientadora da Iniciação Científica por ter topado sem hesitar.

Ao Pedro, meu pai de santo, por me dar todo o apoio que eu preciso para desenvolver esse projeto. E ao Terreiro de Umbanda Tenda de Ogum por ter me acolhido quando eu mais precisei.

À Julia, Paula, Rafael, Daniel e Murilo pela parceria que começou no curso, mas vai se estender pra vida.

Ao Gustavo e ao Thiago, por todo o apoio durante a graduação e principalmente nessa reta final.

Ao Rodrigo, orientador desse trabalho que me deu a farinha e o dendê para que eu conseguisse fazer da ideia, um padê.

A todos aqueles que, de forma direta ou indireta, estiveram presentes e colaboraram para a realização deste trabalho.

A todas as pessoas que lutaram pela visibilidade das religiões de matriz africana, principalmente aquelas que morreram lutando.

RESUMO

O presente TFG tem como objetivo principal a elaboração de um projeto arquitetônico para abrigar a 'Casa de Memória da Cultura de Terreiro', um espaço destinado a contar a história das culturas de terreiro em Ouro Preto, ou seja, das religiões de matriz africana. Devido à forte presença da mão de obra escravizada na região, Minas Gerais recebeu um grande contingente da diáspora africana. No entanto, apesar de a cidade preservar e promover a sua cultura e história regional por meio do turismo, a herança trazida da África foi severamente apagada na localidade, e os terreiros foram sistematicamente empurrados para as margens. Essa pesquisa investiga a presença dos terreiros na região, compreende a proposta de um programa de museu decolonial e, por fim, propõe um projeto com a intenção de evidenciar essa cultura apagada e interpretar o espaço mítico para ultrapassar barreiras culturais, como o medo do desconhecido. A criação desta Casa de Memória busca proteger o sagrado dessas religiões, transformando o espaço em um ponto de conhecimento ancestral essencial para a história e para a requalificação da experiência turística e cultural de Ouro Preto, tornando a cidade um ambiente cada vez mais acolhedor para as tradições de terreiro.

palavras chave: terreiro; memória; ambiência; museu

ABSTRACT

The main objective of this Final Graduation Project is the development of an architectural design to house the 'Terreiro Culture Memory House', a space dedicated to telling the history of terreiro cultures in Ouro Preto, that is, of African-based religions. Due to the strong presence of enslaved labor in the region, Minas Gerais received a large contingent of the African diaspora. However, although the city preserves and promotes its regional culture and history through tourism, the heritage brought from Africa has been severely erased locally, and the terreiros have been systematically pushed to the margins. This research investigates the presence of terreiros in the region, encompasses the proposal for a decolonial museum program, and ultimately proposes a design intended to highlight this erased culture and interpret the mythical space in order to overcome cultural barriers, such as the fear of the unknown. The creation of this Memory House seeks to protect the sacredness of these religions, transforming the space into a point of ancestral knowledge that is essential for history and for the requalification of the tourist and cultural experience in Ouro Preto, making the city an increasingly welcoming environment for terreiro traditions

Keywords: Temple; Memory; Ambience; Museum

SUMÁRIO

Glossário	9
Introdução	10
1. Cultura Religiosa Afro-Diaspórica: Da Opressão à Afirmação (Do Invisível ao Visível)	14
1.1 Processos de Invisibilização da Cultura Afro-Diaspórica	15
1.2 Processos de Resistência da Cultura Religiosa Afro-Diaspórica	17
1.3 Processos de Invisibilização e Resistência em Ouro Preto (MG)	19
2. Os Rituais e o Espaço Físico	23
2.1 Simbologias da Arquitetura de Terreiro	24
2.2 Tangente ao Sagrado: O Programa da Casa de Memória	26
2.3 A Inserção Urbana em Ouro Preto: Palco da Casa de Memória	27
3. Casa de Memória da Cultura de Terreiro: Do Geral ao Específico (Do Visível ao Invisível)	28
3.1 O Visível	31
3.2 O Específico	34
3.2.1 A Árvore	34
3.2.2 A Cozinha	35
3.2.3 O Jardim	37
3.2.4 A Cobertura	40
3.3 O Invisível	41
3.3.1 O Banheiro	42
3.3.2 A Recepção	45
3.3.3 A Sala de Arquibancadas	48
Considerações Finais	51
Referências	53
Apêndice: Pranchas Técnicas	55

GLOSSÁRIO

Sincretismo - associação de preceitos das religiões afro-brasileiras aos preceitos católicos a fim mimetizar suas crenças

Macumba - palavra para designar cultos originários do Nagô ou oferendas

Alguidar - prato de barro utilizado para oferendas

Congá - altar, nas religiões afro-brasileiras

Camarinha - cômodo utilizado nos terreiros para iniciações e reclusões

Quarto de orixá - quarto destinado aos assentamentos e oferendas aos Orixás

Sala de jogo - cômodo destinado aos jogos de búzios e atendimento de consulentes individualmente

Ilê - local de reunião da comunidade, o terreiro como um todo.

Aláfia - palavra em Iorubá que significa caminhos abertos, e também tem significado positivo de confirmação e prosperidade no jogo de búzios

Itans - narrativas sagradas da tradição Iorubá que relatam a história, a cosmologia e os ensinamentos dos orixás



IMAGEM 2

Fonte: autoria própria sobre
fotografia de Pierre Verger

INTRODUÇÃO

Por que os terreiros de religião de matriz africana são sistematicamente empurrados para as margens das cidades? Por que Ouro Preto, reconhecida como centro do turismo histórico e religioso, não conta a história da população negra que construiu a cidade, trazida massivamente para a exploração das minas? Estas inquietações me acompanham desde a minha chegada à cidade e, na condição de pesquisadora e praticante da religião, busquei as respostas que fundamentam este trabalho.

A diáspora africana para o Brasil é consequência direta de mais de três séculos de tráfico de escravizados. Segundo Pierre Verger (1981), os contatos iniciais foram mais intensos com Angola e Congo, com forte presença de negros Bantu até o final do século XVII. Logo após, houve uma chegada numerosa de africanos das regiões habitadas pelos Daomeanos e Iorubás, cujos rituais de adoração aos deuses foram de grande influência para as religiões deste estudo. Essa diversidade religiosa trazida por povos de origens distintas, unida às crenças nativas, fez nascer religiões sincréticas únicas. A transmissão oral e a união forçada entre culturas diferentes fizeram com que essas práticas se adaptassem, resultando na grande variedade de religiões afro-brasileiras que vemos hoje, onde características originais se mesclam e ganham novos significados. Entre essa variedade, além do candomblé e umbanda, podemos citar a quimbanda, o catimbó e o batuque.

IMAGEM 3- O tráfico Negreiro (séculos XVI-XIX)



Fonte: Atlas histórico escolar. 7. ed. Rio de Janeiro, Fename/MEC, 1980. p.36 - cores não originais

Submetidos obrigatoriamente às doutrinas católicas, os africanos escravizados desenvolveram estratégias de resistência para preservar suas crenças, utilizando-se do sincretismo religioso para camuflar seus cultos originais. Em Ouro Preto, cenário deste estudo, o contexto não foi diferente. A Igreja de Santa Efigênia do Alto da Cruz desponta como símbolo dessa resistência e da identidade afro-brasileira no patrimônio local. A autora Nancy Nery da Conceição (2016, apud Trindade, 2019) desenvolve leitura sobre o altar da igreja, interpretando entalhes no sacrário do altar-mor como traços evidentes do sincretismo, evidenciando referências que seriam aos Orixás Omolu e Iemanjá.

Mas não apenas Omolu e Iemanjá são encontrados nos detalhes do entalhe do altar. Com o olhar atento, interpretação própria e os simbolismos dos Orixás em mente, é possível encontrar referências a vários deles, como a espada de Oyá, ou Iansã, do canto esquerdo superior, búzios na parte central superior, e conchas em diversas partes da detalhada arte.

IMAGEM 4- Altar da Igreja de Santa Efigênia, Ouro Preto - MG



Foto por Evely Lorrani

Entende-se portanto que a irmandade funcionou como um espaço de mediação, impondo o catolicismo oficial, mas,

ao mesmo tempo, abrigou e reorganizou práticas africanas, permitindo que o sincretismo acontecesse dentro de seus limites. Ademais, manifestações como o Congado exemplificam essa união entre rituais afro-brasileiros e devoção católica. Contudo, é indissociável abordar a temática racial ao tratar das religiões de matriz africana, reconhecendo que a visibilidade histórica dada às igrejas contrasta com a marginalização dos terreiros.

IMAGEM 5- Manifestação do Congado na frente da Igreja de Santa Efigênia, Ouro Preto - MG



Fonte: Ane Souza

O número de pessoas adeptas das religiões de vertente africana no Brasil mais do que triplicou nos últimos 12 anos segundo os Censos de 2010 e 2022, passando de 0,3% da população brasileira para 1% (IBGE, 2022). É uma evolução numérica notória, que comprova que as religiões estão ganhando espaço no país. Com o objetivo de evidenciar as comunidades de terreiro, cada vez mais crescentes e explorar a cultura através da arquitetura, proponho a concepção de uma Casa de Memória das Religiões Afro-brasileiras no distrito sede de Ouro Preto. O projeto insere-se no problema de pesquisa que busca investigar como a concepção arquitetônica de um equipamento cultural pode atuar como instrumento de visibilidade, centralidade e combate à intolerância religiosa, respondendo ao histórico de segregação espacial sofrido por estas comunidades.

A justificativa deste trabalho reside na urgência de enfrentar a marginalização simbólica e territorial dos terreiros na cidade. Em um cenário de intolerância alimentada pelo desconhecimento e pelo afastamento das práticas para as periferias, o projeto propõe a Casa de Memória como um marco de resistência. O equipamento busca não apenas documentar o patrimônio material e imaterial do Axé, mas promover o diálogo intercultural, invertendo a lógica de apagamento e reafirmando o protagonismo ancestral negro na identidade urbanística ouro-pretana.

Para o desenvolvimento da proposta, conto com a orientação fundamental do sacerdote Pedro Gregório, nomeado dentro do culto como Babá Esù Kolade.

Sua colaboração é essencial para a compreensão histórica dos rituais, permitindo entender os territórios das práticas e as práticas dos territórios. Esse contato assegura que o espaço seja concebido com o devido respeito, comunicando e dando visibilidade à cultura através de um projeto que, embora tangencie o sagrado, se estabelece como um local de cultura e memória, e não como um espaço de culto religioso.

Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho consiste em desenvolver o projeto arquitetônico de uma Casa de Memória das Religiões Afro-Brasileiras na região central de Ouro Preto. Busca-se, com isso, promover a visibilidade destas comunidades, atuando como um espaço de reparação histórica, espacial e de combate à intolerância religiosa, bem como valorizar parte da cultura nacional que tem ficado à margem da exposição turística. Como objetivos específicos, o trabalho propõe: analisar a organização da "Arquitetura de Terreiro"; fundamentar a necessidade do equipamento através do histórico de marginalização local; identificar aspectos simbólicos e rituais para traduzi-los no programa de necessidades; e desenvolver o partido arquitetônico que evidencie tais práticas promovendo a interseccionalidade cultural.

A metodologia adotada estrutura-se em três etapas principais. A primeira parte consiste na pesquisa bibliográfica e documental, fundamentando a base teórica sobre o patrimônio histórico afro-brasileiro e suas referências simbólicas. O segundo eixo avança para o campo através de

conversas e visitas a terreiros, visando compreender a organização espacial e ritualística dessas manifestações, além do levantamento in loco na área de implantação no centro de Ouro Preto para análise dos condicionantes urbanos. Por fim, a síntese desses dados orienta o desenvolvimento projetual, formando o programa e o partido do projeto da Casa de Memória a partir da compreensão do que é necessário para dar visibilidade à cultura de terreiro.

O presente caderno está organizado de forma a compreender as comunidades, para posteriormente ser apresentado o projeto. Portanto, o primeiro capítulo dedica-se à fundamentação teórica, compreendendo a história de invisibilidade e resistência da cultura afro-brasileira no país, e em Ouro Preto. O segundo capítulo apresenta um estudo sobre as simbologias espaciais de terreiro e os rituais, para formular um programa que compreenda as necessidades. Por fim, o terceiro capítulo aplica a proposta à Ouro Preto, compreendendo os parâmetros urbanísticos, e buscando o terreno ideal para a implantação, e definindo as materialidades cabíveis à cidade.

IMAGEM 6

Fonte: autoria própria sobre
fotografia de Pierre Verger



1. CULTURA RELIGIOSA AFRO-DIASPÓRICA: DA OPRESSÃO À AFIRMAÇÃO (DO INVISÍVEL AO VISÍVEL)

É assim a vida no santo: a magia transborda os limites espaciais da casa onde se realizam os rituais [...] e insiste em aparecer em locais públicos de forma misteriosa, às escondidas - nos despachos, oferendas, ebós, feitiços. (MAGGIE, 1992, p.21)

Os rituais de terreiros se dividem em duas categorias: públicos e privados. Existem os rituais que formam o chamado “segredo de casa”, que, assim como o nome diz, não devem ser expostos para manter a ritualística e também por questões de segurança, em que devem ser assistidos por alguém mais experiente. Mas, pela minha experiência dentro da religião, aquilo que transborda mais do que as paredes do terreiro podem conter é o que incomoda. E é nesse momento que os processos de apagamento ficam tão evidentes: quando a magia transcende os limites do espaço sagrado.

Os processos de invisibilização do culto são muitos, entre repressão policial até as manifestações de intolerância mais recorrentes, como trabalhos revirados nas esquinas e alguidares quebrados. Neste capítulo abordaremos principalmente a questão do “Medo de Feitiço”, elaborada por Yvonne Maggie, que causou o paradoxo entre o apagamento da religião e a documentação dela, e as formas de resistência, como o sincretismo, explicitado por Pierre Verger (1981).

1.1 PROCESSOS DE INVISIBILIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-DIASPÓRICA

A magia brasileira,[...] dispõe de mecanismos reguladores das acusações a bruxos e feiticeiros nos terreiros e locais de culto; e diferentemente de muitas sociedades[...], aqui não se pune os feiticeiros com a morte. Foi a partir da República, no entanto, com o decreto de 11 de outubro de 1890, que o Estado criou mecanismos reguladores do combate aos feiticeiros, instituindo o Código Penal. No Código introduziu-se três artigos referentes à prática ilegal da medicina, à prática da magia e à proibição do curandeirismo. (Maggie, 1992, p.22)

A polícia, o Judiciário e os órgãos de saúde pública atuaram em conjunto para controlar o espaço e as atividades dos terreiros. Muitos inquéritos policiais e flagrantes ocorriam nas residências ou casas de culto dos acusados. A polícia sanitária, criada em 1920, tinha livre ingresso em qualquer habitação particular ou local público para controlar as regras de higiene e saúde pública, o que incluía a fiscalização dos terreiros, que eram frequentemente associados a lugares de anomia social”, considerados poluidores e locais de desordem.

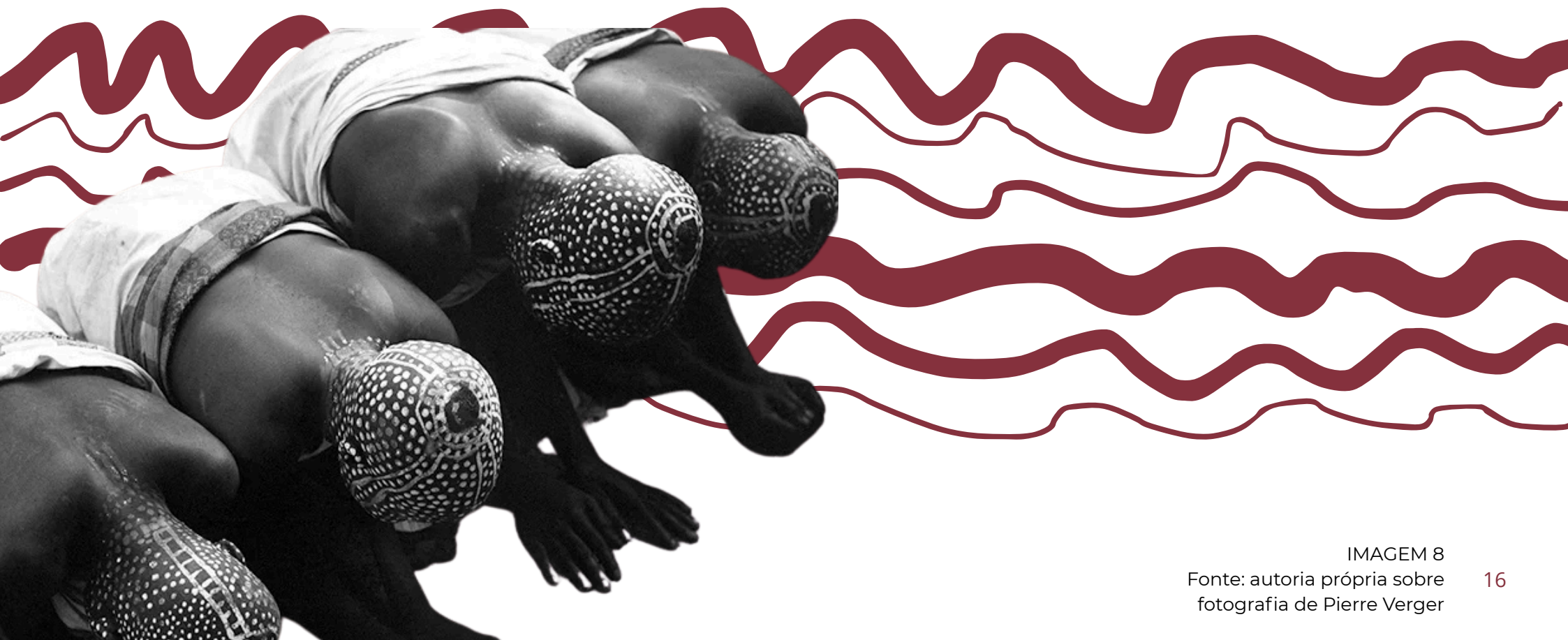
A marginalização não se deu pela supressão total da crença, mas pela sua classificação e hierarquização em categorias que associavam práticas específicas ao mal e ao crime. Ao associar a religião de terreiro como “baixo espiritismo” ou “magia negra”, assim como encontrado nos boletins de ocorrência no Rio de Janeiro entre os séculos XIX

e XX, define status dos grupos e sua posição de poder, assim, criam-se fronteiras na intenção de descaracterizar e purificar a macumba, para se distinguir dela e livrar-se das acusações de feitiçaria, como o denominado Umbanda, ou até o espiritismo de Allan Kardec, que estabeleceu acordos com a polícia para livrar seus associados da prisão, fortalecendo-se e consolidando-se como um organismo legítimo.

E foi assim que a perseguição às religiões de terreiro foi institucionalizada: criando um artigo que punisse com reclusão e multa a prática do curandeirismo, e entendendo alguns chás, banhos, ebós e oferendas como a prática da medicina ilegal (artigos 156, 157 e 158 no Código Penal de 1890). No entanto, os 25 processos analisados por Maggie no Rio de Janeiro comprovam o efeito contraintuitivo causado pela repressão de legitimar a religião por meio da documentação redigida, e demonstram que os mecanismos reguladores criados pelo Estado não extirparam a crença, mas, ao contrário, foram fundamentais para a sua resistência. A repressão acabou se tornando uma ferramenta de visibilidade e socialização das próprias práticas que se pretendia combater.

Em conjunto a isso, como um processo temporal anterior de invisibilização, destacam-se as perseguições religiosas, desde Brasil colônia, momento em que a imposição do catolicismo operou como um mecanismo sistemático de apagamento cultural. Sob a justificativa da 'salvação da alma', o batismo forçado e a repressão policial

empurraram as crenças africanas para a clandestinidade, rotulando-as como superstições perigosas ou crimes contra a ordem pública (Verger, 1981). Consequentemente, a invisibilização não foi apenas um efeito colateral, mas uma estratégia de resistência necessária: o sincretismo emergiu como uma 'mistificação' deliberada, onde os africanos ocultaram seus Orixás, Voduns e Inkisses sob a iconografia dos santos católicos e dissimularam seus ritos sagrados em 'batuques' e irmandades, preservando a essência de sua fé ao torná-la invisível e aceitável aos olhos do colonizador.



1.2 PROCESSOS DE RESISTÊNCIA DA CULTURA RELIGIOSA AFRO-DIASPÓRICA

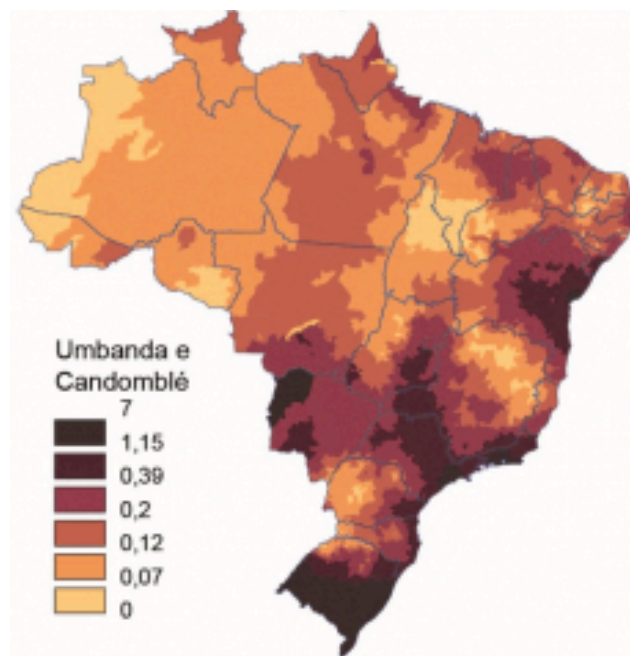
Os processos de resistência, em sua maioria, surgem como defesa à perseguição nos processos de invisibilização. Por exemplo, o sincretismo religioso, consequência da perseguição, se revela como invisibilização ao equiparar fés distintas à hegemonia católica. Por outro lado, o fenômeno deve ser compreendido como um ato de resistência política e espiritual, permitindo que os praticantes se eximissem da catequização compulsória e mantivessem seus rituais vivos, ainda que ocultos como uma forma mimetismo.

Essa estratégia de mimetismo e sobrevivência pode ser observada no Congado, que, ligado a Nossa Senhora do Rosário e Santa Efigênia funciona como manifestação religiosa e cultural que mistura devoção católica com símbolos, músicas e memórias africanas, afirmando uma identidade afro-brasileira. Embora vinculado historicamente ao catolicismo, o Congado possui forte relação com a Umbanda. Muitos integrantes são adeptos de religiões de matriz africana, e elementos rituais, como a dança do Moçambique, que imita os Pretos Velhos (corpo curvado, uso de cajados), e o uso de instrumentos que remetem ao trabalho nas minas e correntes (bateias e gungas), recriam a memória dos antepassados e do cativo, segundo Bruna Reis (2021) em pesquisa de campo:

Como observado em campo, a relação de uma guarda com uma instituição católica não se faz mais necessária, com grupos surgindo independentemente dessa relação, como é o caso do Manto Azul. Além disso, vários integrantes das guardas aqui estudadas são adeptos de religiões de matriz africana e no interior do Congado muitos elementos remetem a esses vínculos, como o uso das guias, roupas brancas, os cantos e referências mais diretas, como a dança do Moçambique que performa a gestualidade da entidade de Pretos Velhos. (Reis, 2021, p.13,14)

Toda essa trajetória histórica de resistência cultural e religiosa reflete-se, na contemporaneidade, na ocupação de espaços políticos. O Rio Grande do Sul é um estado que apresenta relevantes índices para estudo sobre a resistência religiosa, por ser o estado com maior porcentagem e números absolutos de praticantes de religiões afro-brasileiras, com 3,2% das pessoas, enquanto a média nacional é de 1,1% (IBGE, 2022). Essa característica resultou em maior número de políticas públicas voltadas a validar e proteger pessoas que sofrem intolerância religiosa. Instituído por decreto em 2014 (Decreto nº 51.587/2014), foi criado o Conselho Estadual do Povo de Terreiro do Rio Grande do Sul (CPTERS), a fim de “dialogar diretamente com o Estado em prol de sugerir ações, denunciar infrações e elaborar políticas públicas, enfrentando as demandas específicas do Povo de Terreiro, principalmente no que se refere à intolerância religiosa, ao racismo religioso e à violência” (Cunha, 2017).

Gráfico 1 - Geografia dos Praticantes da Umbanda e Candomblé no Brasil ¹



Fonte: IBGE Censo Demográfico 2022

O mapa evidencia uma distribuição desigual dos praticantes de Umbanda e Candomblé pelo território nacional, com maior concentração nas regiões Sul e Sudeste, além de núcleos expressivos no litoral da Bahia, áreas historicamente marcadas pela entrada de africanos escravizados e por processos posteriores de urbanização e migração interna. Minas Gerais, e Ouro Preto especificamente, aparece em uma faixa intermediária de concentração, o que reforça a relevância de investigar como, mesmo diante de uma presença religiosa numericamente significativa, a cidade não traduz essa presença em visibilidade urbana ou patrimonial. Essa disparidade entre concentração demográfica e reconhecimento espacial é o que fundamenta a proposta deste trabalho, discutida a seguir a partir do caso específico de Ouro Preto

¹ No Censo de 2022 (IBGE) a categoria “Umbanda e Candomblé” inclui também outras declarações de religiosidade afrobrasileira

1.3 PROCESSOS DE INVISIBILIZAÇÃO E RESISTÊNCIA EM OURO PRETO (MG)

Os processos de invisibilização em Ouro Preto passam sobretudo pela forma como a cidade é narrada como “berço do barroco e da Inconfidência”, enquanto a presença negra aparece apenas como mão de obra escravizada, e não como sujeito de conhecimento, técnica e cultura. As resistências se dão em práticas como Congado, quilombos, minas ressignificadas e iniciativas de afroturismo que recontam a história a partir da experiência afro-diaspórica.

Historicamente, a resposta a esse silenciamento se deu pela organização coletiva e sagrada. Desde o século XVIII, instituições como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1715) funcionaram como espaços políticos de proteção social e afirmação de identidade, estabelecendo hierarquias próprias e redes de solidariedade entre escravizados e libertos. Esse legado persiste nas festas de Congado e Reinado, que, ao cultuarem santos negros como Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, articulam a devoção católica com cosmologias africanas, mantendo viva a memória ancestral e a luta por dignidade.

Na contemporaneidade, a resistência se atualiza através da reparação histórica promovida pelo afroturismo e por projetos educativos. A ressignificação de locais como a Mina Du Veloso exemplifica essa mudança de paradigma: ao invés

de focar apenas na extração do ouro, a narrativa passa a destacar a engenharia sofisticada e o saber mineralógico trazido por povos da Nigéria, Congo e Gana. Ao reconhecer esses saberes técnicos e tratar as manifestações culturais como patrimônios, essas iniciativas mudam a imagem do negro de simples “mão de obra” para a de sujeito intelectual e tecnológico, fundamental para a existência de Ouro Preto (Moutinho, 2025). A prefeitura de Ouro Preto, ademais, dispõe de um espaço destinado à valorização da cultura afro-diaspórica, denominado Casa de Cultura Negra, que será abordado no capítulo 3.

Ademais, é importante compreender que uma das práticas de herança deixada pela população escravizada, sobrevive, nos dias atuais, escondida e sendo empurrada para as margens da cidade e invisibilizada. Situação que explicita um fenômeno que não é único de Ouro Preto e que marca processos de criminalização e perseguição a essas comunidades, muito embora leis nacionais e tratados internacionais garantam a liberdade religiosa como um direito humano e fundamental.

Para melhor compreensão da periferização das religiões de terreiro, a partir de uma listagem dos terreiros de Ouro Preto, realizada pela Diretoria de Promoção da Igualdade Racial da Prefeitura de Ouro Preto, desenvolvemos um mapeamento que indica a localização aproximada dos terreiros tanto na sede de Ouro Preto quanto nos distritos de Cachoeira do Campo e Santo Antônio do Leite (Imagens 9 e 10).

IMAGEM 9: Cartografia dos terreiros registrados nas proximidades do centro histórico do distrito-sede de Ouro Preto-MG

fonte: autoria própria



LEGENDA

-  MUSEU
-  PONTO TURÍSTICO
-  IGREJA
-  UNIVERSIDADE
-  TERREIRO
-  VIAS DE CIRCULAÇÃO

IMAGEM 10: Cartografia dos terreiros registrados nos distritos de Cachoeira do Campo (à direita no mapa) e Santo Antônio do Leite-MG (à esquerda no mapa)



fonte: autoria própria

LEGENDA

-  MUSEU
-  PONTO TURÍSTICO
-  IGREJA
-  UNIVERSIDADE
-  TERREIRO
-  VIAS DE CIRCULAÇÃO

Desse modo, ao analisar a representação acima, se consideramos o centro histórico do distrito-sede, verificamos que apenas uma dessas Comunidades Tradicionais de Terreiro está localizada na área central, enquanto as demais se encontram em bairros periféricos ou nos distritos afastados. Vale destacar que, de acordo com a pesquisa realizada, o único terreiro localizado na região central é impedido de utilizar os atabaques, tambores tradicionais dessas crenças, em função de alegações de perturbação sonora pela vizinhança.

Se, de início, enfatizamos as localizações dos terreiros, neste momento, é necessário destacar que a territorialidade onde as Comunidades Tradicionais de Terreiro desenvolvem suas práticas não está restrita a esses pontos. Para fundamentar tal assertiva, farei um recorte no conjunto das religiões de matriz africana para tratar, de forma mais específica, da Umbanda que é um:

[...] acontecimento efêmero rebatido no espaço. [...] um elemento que tem um caráter motivador, que leva o ser humano a se envolver na “atmosfera” do lugar, pois o aspecto coreográfico corporal na arquitetura, constrói o espaço por meio e através dos movimentos (Menezes, 2012, p.21).

Mas essa coreografia reverbera para além dos espaços arquitetônicos. A umbanda, assim como outras religiões de matriz africana, está muito ligada com o espaço físico, percebendo tanto a natureza quanto o meio urbano como

uma teia energética, na qual cada local oferece pontos de força específicos para diferentes ritos e intenções. Enquanto o espaço urbano é composto por elementos como becos, bares e encruzilhadas, a natureza é representada por cachoeiras, matas, rios e mares, que funcionam como fontes de energia, e despacho, onde são feitos trabalhos de diversas intenções (Kloppenburg, 1961). Essa conexão ancestral com o território é também um foco de conflitos e racismo religioso, refletindo como "as práticas do terreiro rompem limites espaciais, para ocupar lugares imprevistos na trama das relações sociais da vida brasileira" (Sodré, 1983, p. 121-122).

E é nessa brecha, em que mais espaços além dos próprios terreiros podem ser sagrados, que surge a Casa de Memória a fim de frisar as características da religião, e trazer elementos do sagrado para o projeto arquitetônico.



2. OS RITUAIS E O ESPAÇO FÍSICO

"[...] o ritual religioso da umbanda, um acontecimento efêmero rebatido no espaço. O evento pode ser visto como um elemento que tem um caráter motivador, que leva o ser humano a se envolver na "atmosfera" do lugar, pois o aspecto coreográfico corporal na arquitetura, constrói o espaço por meio e através dos movimentos."(Menezes, 2012, p.21)

As religiões de matriz africana estão muito ligadas com o espaço físico como um todo, compreendendo a natureza e a cidade como uma teia energética, com seus pontos de força para cada tipo de trabalho e intenção. Posso citar lugares como becos, bares e encruzilhadas, que fazem parte do espaço urbano, enquanto cachoeiras, matas, rios e mares são pontos de energia da natureza. Essa relação com o espaço é ancestral, e também causadora de anos de conflitos territoriais e de intolerância religiosa. Mas aqui neste estudo, abordaremos apenas a relação espacial da arquitetura de terreiro e os rituais, não abordando a temática da cidade, que é extensa e dispensável para nosso objetivo, no entanto, é interessante destacar a compreensão do tema será naturalmente incluída no projeto.

A relação entre o espaço físico e os rituais de terreiro pode ser compreendida como uma dinâmica indissociável onde a arquitetura não atua apenas como um cenário estático, mas como um elemento ativo de construção cultural e sagrada. O espaço físico dos terreiros, muitas

vezes adaptado de residências, diferentemente de mesquitas e igrejas, por exemplo, que possuem elementos arquitetônicos que foram construídos especificamente para a religião, é ressignificado e reordenado através dos ritos e das simbologias, transformando-se de um ambiente profano em um lugar sagrado por meio da manipulação de elementos simbólicos e sensoriais, que definiremos, assim como Claudia Menezes (2012), como "ambiência".

Esta espacialidade é moldada essencialmente pela presença e movimento do corpo humano durante os rituais, os gestos e a incorporação, atuando como conector entre o espaço físico (*aiyê*) e o espiritual (*orun*). Posso exemplificar essa conexão com a norma de sair de costas do congá, praticada por algumas casas de Axé. Segundo o pai de santo Pedro Gregório, essa prática acontece para "não dar as costas pro sagrado, e nem virar as costas para o que foi tirado de você". Assim, entendemos que o que caracteriza um espaço sagrado de terreiro são suas simbologias, suas tradições e sua imaterialidade, ou seja, a arquitetura não contém o ritual, ela é produzida pelo ritual. O espaço é fluido: uma sala comum torna-se um templo através da disposição dos objetos, do som dos tambores e das tradições dos movimentos corporais.



2.1 SIMBOLOGIAS DA ARQUITETURA DE TERREIRO

As religiões de matriz africana são oralizadas e não possuem um livro que reja as regras e os saberes, sendo eles passados oralmente por cada sacerdote à sua comunidade. Dessa forma, vemos nos estudos de caso das simbologias das arquiteturas de terreiro coisas que diferem entre cada casa. Existem tradições que vêm direto de África e são mantidas de forma praticamente unânime, e existem terreiros que decidem ou não por adotar algumas simbologias. Na tese de Carla Menezes, a autora destaca que o terreiro é construído para ser uma réplica em miniatura do universo, sendo cada parte do terreno e da casa consagrada a uma entidade específica; além da aplicação de um pilar central, chamado de cumeeira, no terreiro que simbolizaria uma conexão vertical que liga a terra ao céu. No entanto, acho importante destacar que terreiros tombados pelo IPHAN, como terreiro Casa Branca ou Mãe Menininha, apresentam essas características, mas a ausência delas não tira a credibilidade ou originalidade de um terreiro.

IMAGEM 11- Terreiro Casa Branca em Salvador



Fonte: Secom Salvador

Convém ressaltar que o termo “religião de matriz africana” é um agrupamento meramente didático, pois não se trata de uma estrutura única. Existe uma vasta pluralidade de tradições, nas quais determinados ritos e preceitos são coerentes e necessários apenas às suas respectivas vertentes. Somado a isso, muitas das casas de terreiros são alugadas e não podem fazer determinadas modificações para aderir às estruturas arquitetônicas utilizadas dentro do culto. Essa limitação exige que se realizem improvisações e adaptações para se adequar a determinadas necessidades.

O Pedro teria interesse em ter no terreiro em que é sacerdote, espaços como camarinha e sala de Èsù Orisá, por exemplo, numa utópica reforma, mas como não é viável enquanto a casa não é própria e o orçamento é limitado, esses cômodos são integrados ao próprio ilê como um todo, reiterando o que foi citado anteriormente de que a organização da arquitetura de terreiro é baseada nos rituais. Dessa forma, no lugar de utilizar uma camarinha ou uma sala de jogo, por exemplo, todo o espaço é reorganizado simbolicamente para tal, já que não há espaços predeterminados.

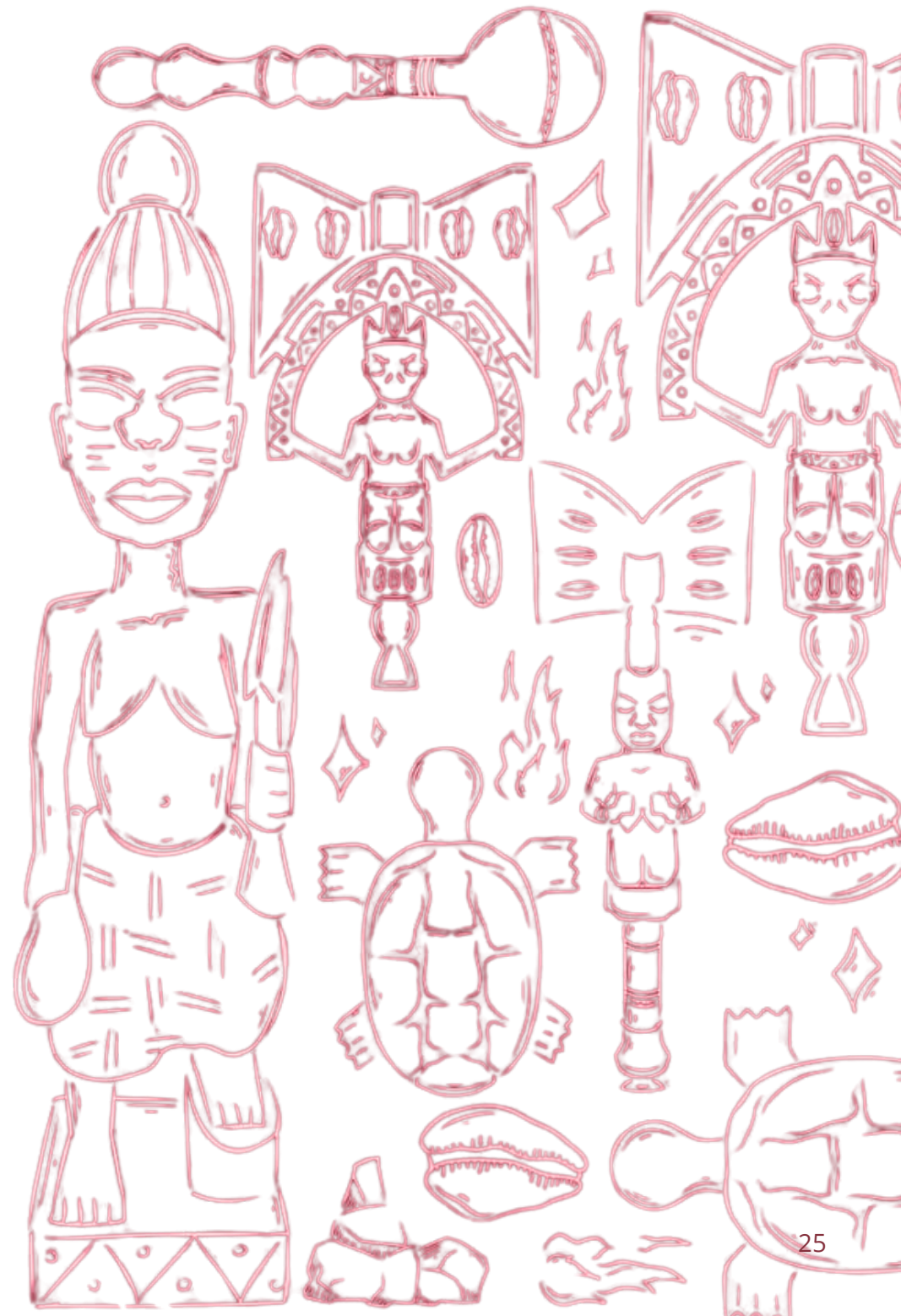


IMAGEM 12
Fonte: @luanode

2.2. TANGENTE AO SAGRADO: O PROGRAMA DA CASA DE MEMÓRIA

Conversando com o Babá Esù Kolade, ou Pedro, como eu chamei até aqui, sobre quais seriam as demandas que ele acredita serem necessárias para essa Casa de Memória, ele responde brincando: “Um banheiro, uma cozinha e uma sala.” Diz isso porque, na verdade, só o fato de existir a possibilidade de criar uma casa de memória para evidenciar nossa religião já é um grande privilégio. Não nos sentimos no direito de exigir tanto, por medo de ser algo demais para executar, e o projeto ficar em segundo, terceiro ou quarto plano. Mas quando perguntado novamente sobre quais seriam as necessidades, pensando utopicamente, se pudéssemos ter o que quiséssemos, ele me respondeu: “Uma sala de exposição para a gente contar a história dos conflitos de Tata Tancredo e Zélio², e a forma como eles foram ocupando espaço na religião. Uma sala que a gente possa usar para fazer uma palestra ou algo do tipo, passar o ensinamento no boca a boca. Um espaço dedicado à esquerda, e um à direita, e a gente pode pensar em colocar Exu na porta. Só isso.” E eu complemento o programa com um jardim, e a cozinha e os banheiros que foram pedidos inicialmente.

É importante explicar que quando ele fala sobre as salas destinadas à esquerda e direita, refere-se às linhas de trabalho na Umbanda. Essas linhas são divididas em direita e esquerda, assim como polos energéticos de um ímã são divididos em positivo e negativo e yin e yang representam forças opostas complementares e interdependentes, mas não se usam esses termos para não associar uma linha a algo pejorativo, como “negativo”, já que, apesar de polos opostos, são apenas formas diferentes de manipular energia. A sala da direita seria dedicada aos pretos-velhos, caboclos, boiadeiros, marinheiros, cangaceiros, ciganos e crianças; enquanto a da esquerda comportaria exus, pombagiras e malandros.

Posteriormente, foi necessário compreender a proposta decolonial do museu, proposta por Françoise Vergès, a fim de não reiterar e reproduzir as características coloniais de exposição. Segundo a autora, “falar da decolonização impossível do museu é convidar a imaginar o ‘pós-museu’, a pensar que arquitetura acolheria objetos, imagens, sons e narrativas” (Vergès, 2023, p.25). Dessa forma, a proposta aqui deveria seguir esse padrão de decidir os elementos arquitetônicos a fim de que eles próprios sejam o museu, entender o espaço como o principal meio de contar a história, e trabalhar o conceito de ambiência (Menezes, 2012) para integrar tudo isso.

² Tata Tancredo e Zélio de Moraes são figuras divergentes associadas ao surgimento da Umbanda no Brasil, enquanto Tancredo defendia raízes africanas, Zélio promovia uma visão mais associada ao Kardecismo

2.3. A INSERÇÃO URBANA EM OURO PRETO: PALCO DA CASA DE MEMÓRIA

Como citado anteriormente, a Prefeitura de Ouro Preto dispõe de um espaço destinado à visibilidade da cultura afro-diaspórica, denominado Casa de Cultura Negra, que oferta atividades culturais e educativas para a população, mas enfrenta desafios estruturais e de combate ao racismo, que impactam seu funcionamento cotidiano. A direção da Casa, segundo o site da prefeitura de Ouro Preto, aponta a necessidade de ampliar o espaço físico e a programação, indicando limites de capacidade para o número de atividades e público atendido.

Com todas as conquistas, a Casa de Cultura Negra planeja ampliar suas atividades. Kedson vislumbra uma expansão física do espaço para alcançar mais pessoas. "Talvez seja necessário aumentar o espaço físico para trazer novas atividades e ampliar nosso alcance", reflete. Flávio Malta complementa: "Expandir as atividades da Casa será fundamental para enriquecer ainda mais o cenário cultural e social de Ouro Preto." (Ouro Preto, 2026)³

O projeto da Casa de Memória da cultura de terreiro em Ouro Preto surge a fim de suprir essa demanda municipal e social de expandir a Casa de Cultura Negra, e incluir a cultura africana, principalmente relacionada à religião, na comunidade de Ouro Preto. Ao proporcionar um espaço para a comunidade de terreiros da região proponha atividades educacionais e oficinas relacionadas ao conhecimento ancestral de boca a boca para a população interessada, o espaço também propõe contar a história da religião, através de exposições, palestras e santuários. Propõe ser um espaço interseccional, fundindo uma demanda cultural e social.

Após a primeira denúncia de intolerância religiosa no Ministério Público de Ouro Preto, conforme registrado no Termo Circunstanciado de Ocorrência nº 2024-010297539-001, da Polícia Militar de Minas Gerais (2024), a prefeitura se posiciona empenhada em evidenciar as comunidades de religião de matriz africana com projetos e encontros com os sacerdotes da região a fim de compreender suas necessidades. Portanto, entende-se que o projeto proposto seria de grande importância para a cidade no momento atual.

³ OURO PRETO. Notícia sobre a Casa de Cultura Negra em Ouro Preto. Disponível em: <https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/noticia/4428>. Acesso em 19 de janeiro de 2026

3. CASA DE MEMÓRIA DA CULTURA DE TERREIRO: DO GERAL AO ESPECÍFICO (DO VISÍVEL AO INVISÍVEL)

casa de memória



IMAGEM 13: autoria própria com auxílio de IA para renderização

A postura ética de um pesquisador candomblecista na academia somente poderá contribuir para essa luta [...] se este for um sujeito comprometido com os segredos rituais e respeitar esta cultura religiosa nos seus elementos constitutivos. (Gaia, Scorsolini-Comin, Araújo, 2022)

Antes de apresentar a proposta, é imprescindível demarcar meu posicionamento como autora umbandista. Alinhada à reflexão de Gaia, Scorsolini-Comin e Araújo (2022), assumo o compromisso ético de guardar os segredos rituais inerentes à minha fé. O cuidado com esses mistérios não constitui uma limitação, mas um mecanismo de resistência afro-diaspórica: a manutenção do segredo é o que preserva a integridade e a força da religião. Deste modo, o projeto da Casa de Memória visa conferir visibilidade à trajetória e à cultura das comunidades de terreiro no centro histórico de Ouro Preto, estabelecendo um lugar de protagonismo e diálogo, sem, contudo, expor o que deve permanecer resguardado ao sagrado.

Assim, a apresentação do projeto será organizada do geral ao específico. A priori, veremos a implantação e os usos, compreendendo a parte visível do projeto. Migraremos para o específico, entrando em detalhes cada vez mais invisíveis associados à religião, e retomo portanto que nem tudo deve ser explicado dentro da cultura de terreiro, portanto também faz parte do escopo do projeto compreender alguns detalhes em livre interpretação.

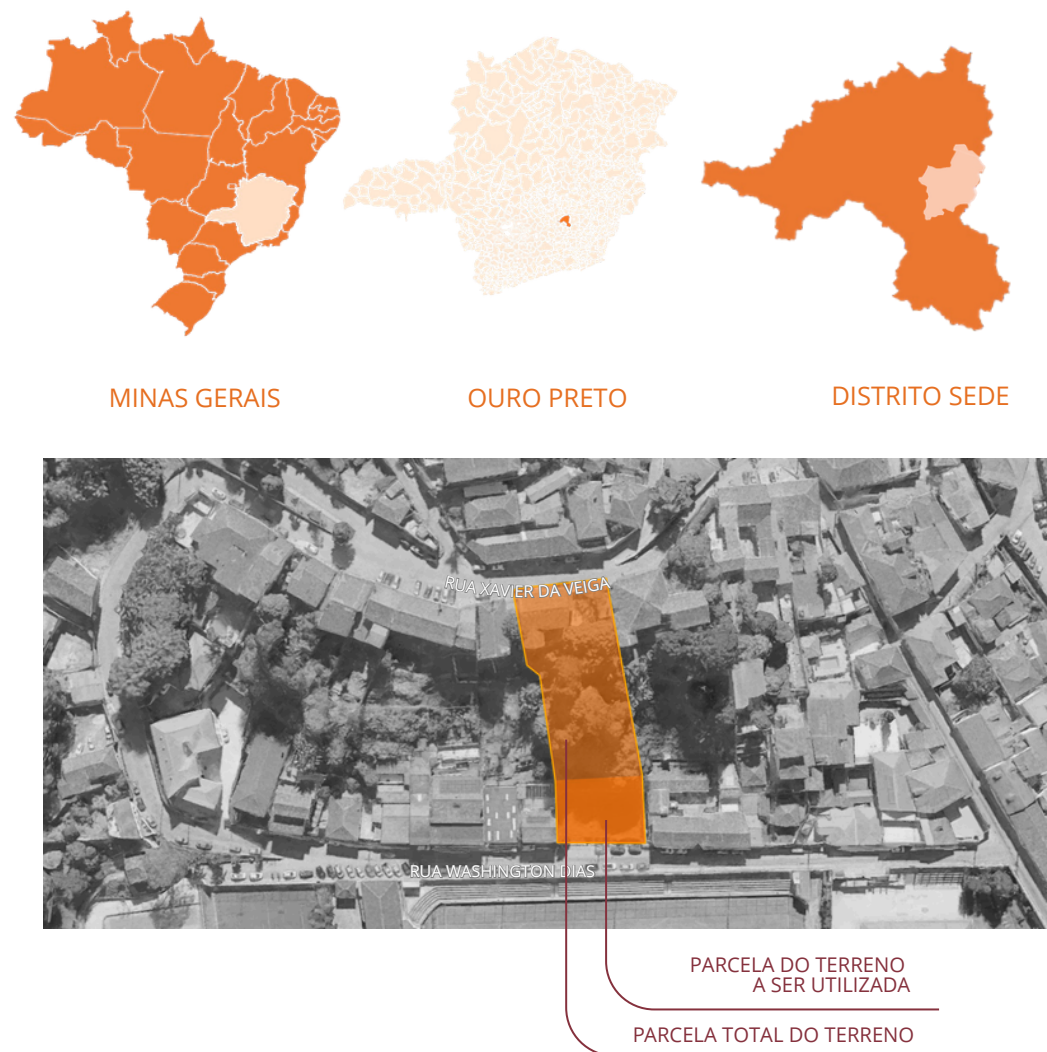


IMAGEM 14:
Autoria própria em foto
por Letícia Gabrielli

3.1. O VISÍVEL

A topografia do terreno é muito acidentada nesta região, mas conta com uma pequena parcela já terraplanada, que será utilizada por inteiro. Além disso, trabalhei com três níveis diferentes no projeto, a fim de evitar ao máximo intervenções bruscas na topografia natural do terreno. Assim, os platôs mais ao fundo são mais elevados para acompanhar o desnível. Além disso, o desenho topográfico do terreno provido pela prefeitura mostra uma ocupação com largura de uma quadra entre as ruas Washington Dias e Xavier da Veiga. No entanto, a parcela superior do terreno, na rua Xavier da Veiga, já está ocupada pela república Canaã. Na intenção de fazer uma divisão respeitosa do terreno com os atuais moradores, e com a vegetação abundante, a fim de evitar demolições, somente uma pequena parcela na rua Washington Dias será utilizada no projeto.

IMAGEM 15: diagrama de situação do terreno



Fonte: autoria própria

O partido do projeto busca manter uma estética coerente com o entorno nos quesitos de permeabilidade visual e volumetria, mas para as decisões de composição, é premissa não repetir os padrões estéticos colonialistas que historicamente invisibilizaram as comunidades afro-diaspóricas. Portanto, busca-se utilizar materiais adequados ao contexto de Ouro Preto, evitando, contudo, a reprodução do modelo arquitetônico colonialista, que historicamente apagou a história de quem construiu a cidade, por meio de um mimetismo estético.

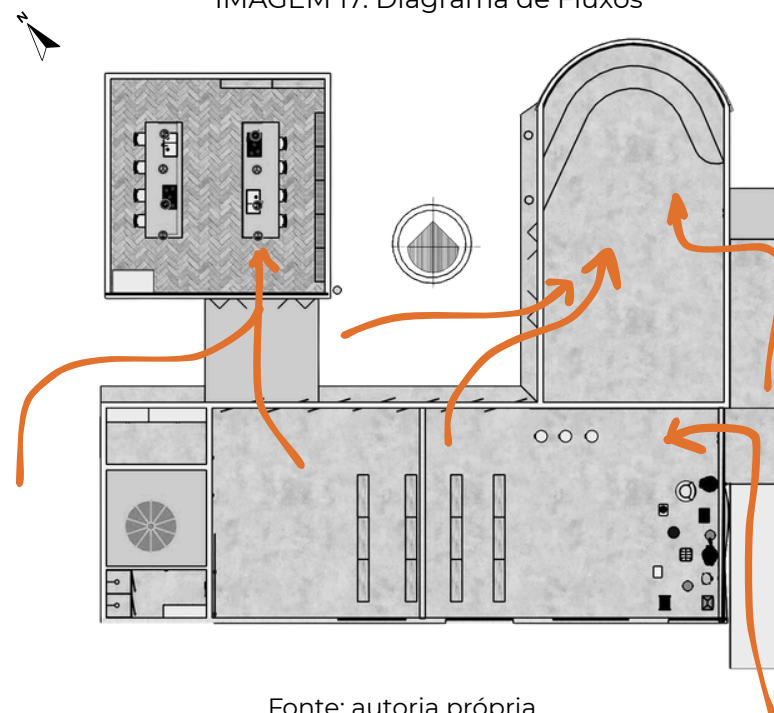
IMAGEM 16- Terreno na Rua Washington Dias



Foto do Google Maps com edição de autoria própria

O projeto da Casa de Memória abdica de um acesso frontal tradicional com o propósito de integrar, de forma unificada, as entradas principal e acessível. Essa decisão visa evitar a segregação dos fluxos, compreendendo as limitações da fachada para a implementação ideal dos equipamentos de acessibilidade. O planejamento permite que cada cômodo tenha circulação independente, viabilizando a realização de atividades simultâneas e preservando a privacidade dos usuários.

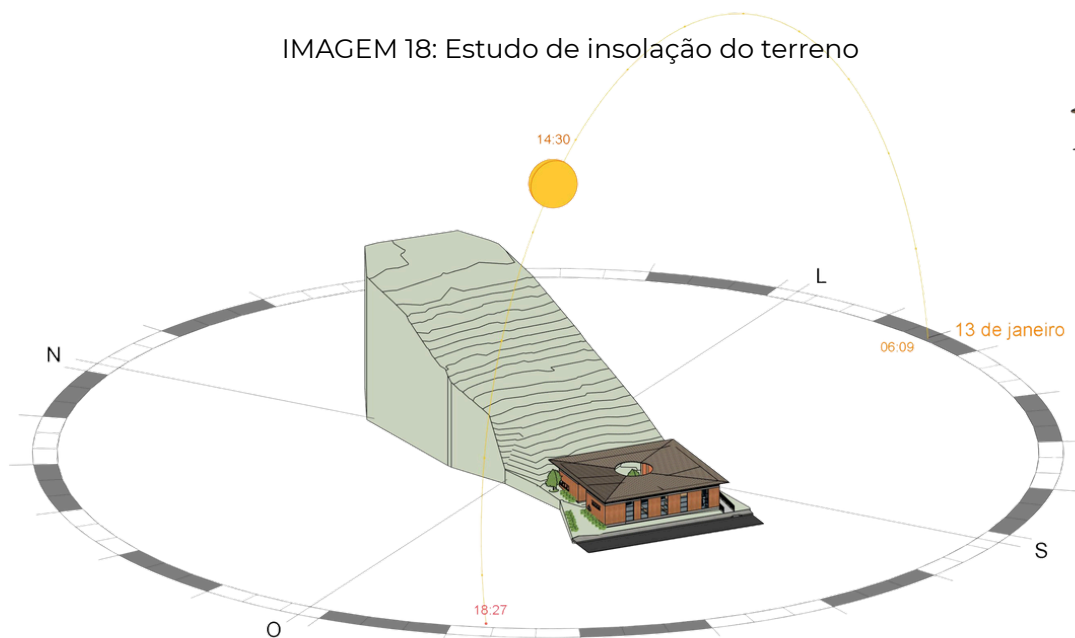
IMAGEM 17: Diagrama de Fluxos



Fonte: autoria própria

Em termos de programa de necessidades, o equipamento dispõe de duas salas multiuso: uma delas estruturada com arquibancada, e outra flexível, com mobiliário adaptável. Complementam o programa uma cozinha equipada, espaço central de aprendizado e partilha, fundamental à tradição de Axé, uma pequena área administrativa com almoxarifado para a gestão do equipamento, e um sanitário unissex equipado com vestiário e chuveiros. Esse arranjo foi desenhado para que a infraestrutura, embora técnica, responda diretamente às demandas rituais e comunitárias, oferecendo suporte suficiente às atividades que a Casa de Memória pretende sediar.

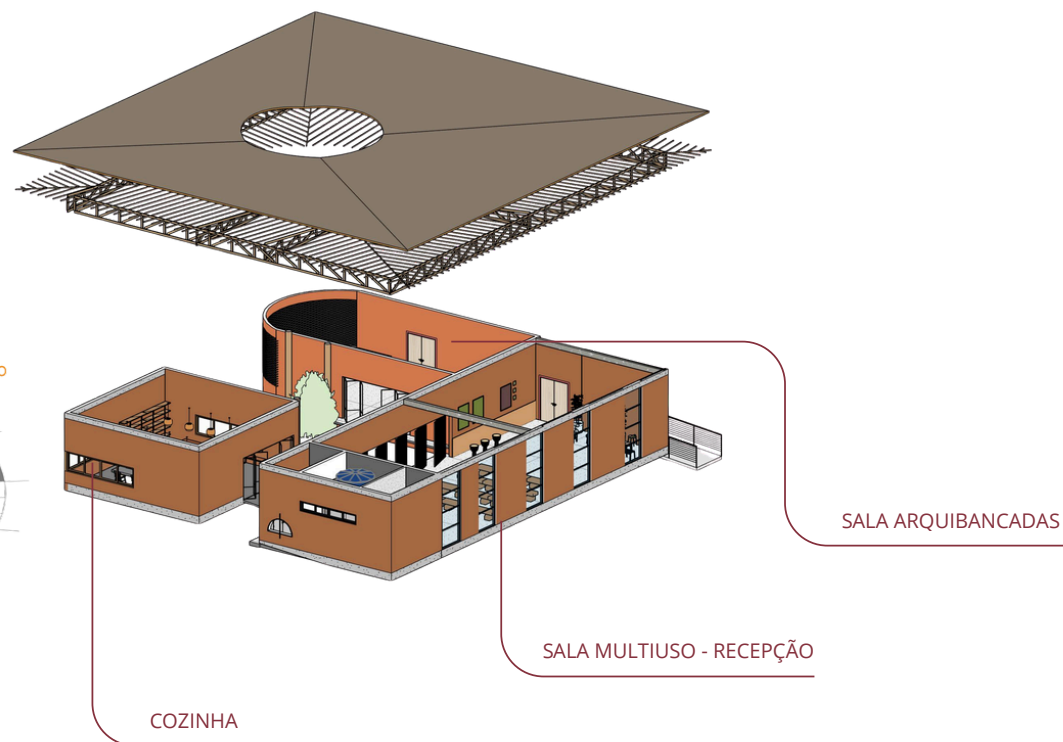
IMAGEM 18: Estudo de insolação do terreno



Fonte: autoria própria

Alinhada à maior parte das edificações de Ouro Preto, a proposta de implantação sugere o uso do pau à pique e de técnicas tradicionais como sistema construtivo principal, mantendo a característica de época através da materialidade. No entanto, a sala leste, que conta com a arquibancada, será estruturada com tijolo ecológico e cobogó de tijolo intercalado. A fundação, ademais, será feita com radier de concreto polido, dispensando o emprego de revestimentos e garantindo uma estrutura robusta e um acabamento lavável para o piso.

IMAGEM 19- vista explodida do projeto



Fonte: autoria própria

3.2. O ESPECÍFICO

3.2.1. A ÁRVORE

Inspirada em uma tradição do Candomblé de semear uma árvore e sacralizá-la (Velame, 2021), concebi o partido arquitetônico a partir da composição em torno de uma árvore. A proposta é centralizá-la não somente em localização no projeto, mas também em relevância. Os vãos garantem que todos os volumes deem à árvore visibilidade, e a inclinação do telhado leva água para alimentá-la, e segundo Fábio Velame, é nessa forma que a natureza se torna uma manifestação do sagrado, transformando os espaços em templos de divindades africanas

As árvores sagradas no Candomblé são consagradas junto ao axé da divindade a elas consagrada, não são escolhidas ou encontradas. Ao ser plantada ainda como muda, a árvore é sacralizada, transformada na própria divindade através de ritos específicos. [...] Crescem juntos e com eles todo o axé da casa, tornando-se ela própria um elemento arquitetônico. (Velame, 2021)

IMAGEM 20 - vista do pátio central



Fonte: autoria própria com auxílio de IA para renderização

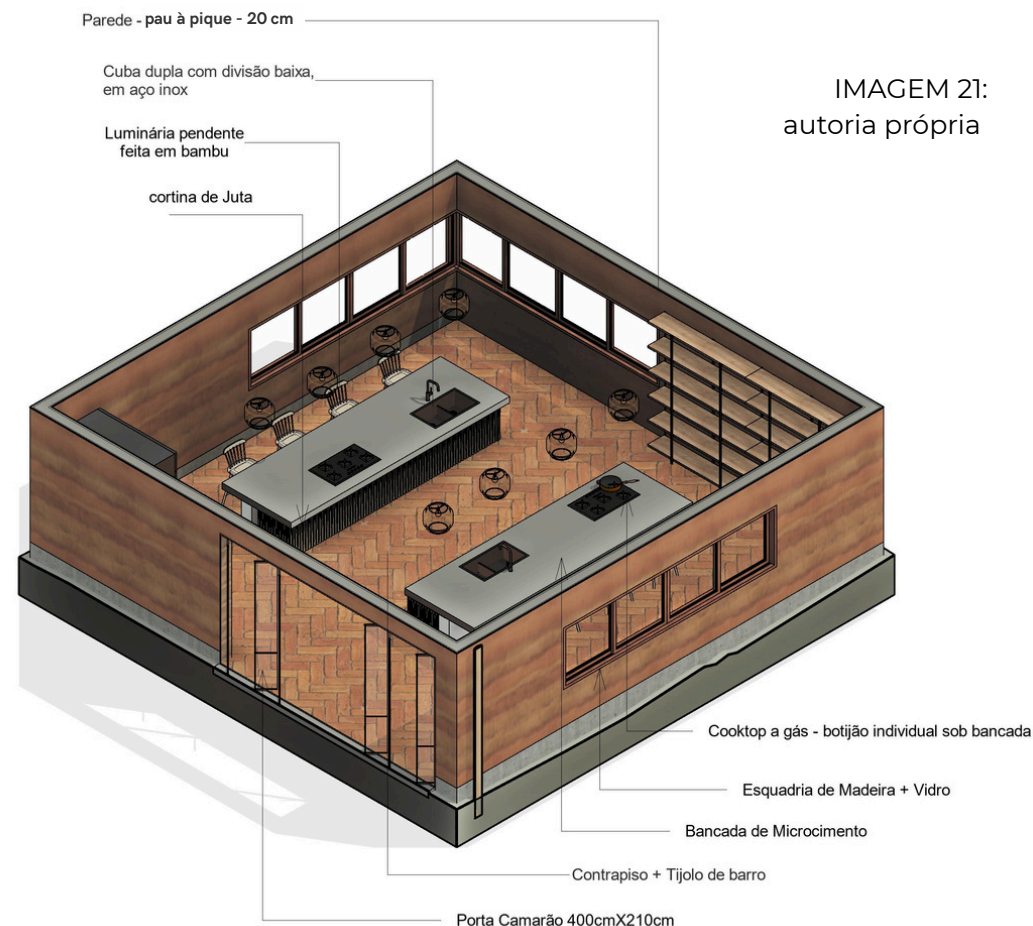
Essas árvores, chamadas de Íròkò, são consideradas uma divindade própria. Em África, é cultuada uma espécie que leva seu nome Iroko. No Brasil, porém, essa espécie não é nativa, dando lugar à Figueira e à Gameleira Branca.

3.2.2. A COZINHA

As ritualísticas associadas à culinária citadas anteriormente são parte central da religião. As culturas de oferendas prezam por oferecer às divindades, nesse caso aos Orixás e entidades, aquilo que a comunidade possui de mais valioso. Cada elemento do prato possui seu fundamento, e o estudo deles faz parte do estudo teológico como um todo. Portanto, a cozinha no projeto é um espaço fundamental para oficinas, aprendizado e compreensão do sagrado.

A cozinha é o local em que as comidas passam de profanas a sagradas e, por isso, é especialmente preparada e guardada por determinadas divindades como Exu, por ser “a boca que tudo come”; Oxóssi por ser “provedor da fartura”; e Iemanjá “por ser mãe e protetora”. (Santos, 2021 p.63)

Não poderia ser diferente no presente projeto. A cozinha funciona mais do que como uma copa de apoio ou uma cozinha comunitária. É um espaço de ensinamento, aprendizado, partilha e função, como é chamado o trabalho coletivo em prol de um ritual dentro das religiões de terreiro. O ambiente deve, portanto, comportar pessoas em diferentes funções ao mesmo tempo, entre elas a limpeza, o preparo dentro e fora do fogo, e também a assistência.



A definição dos materiais construtivos buscou simbolizar os quatro elementos da natureza, fundamentais para a dinâmica de uma cozinha. O fogo ganha forma no fogão, a terra manifesta-se nos alimentos, na cortina de juta abaixo da bancada e no piso em tijolos de barro, a água é destacada tanto na área molhada quanto na rede de pesca instalada no forro, em alusão a Iemanjá, e o ar se mostra presente por meio das grandes aberturas.



IMAGEM 22: autoria própria com auxílio de IA para renderização

3.2.3. O JARDIM

Nas religiões de matriz africana, o conhecimento das folhas sagradas é pilar fundamental, sendo utilizadas em práticas de cura, purificação, oferendas e rituais. Assim como os alimentos, cada planta possui seus fundamentos. Dessa forma, o paisagismo proposto não é apenas para função estética ou de conforto ambiental: o jardim será projetado como um espaço de preservação e acesso. Ao priorizar o cultivo de espécies sagradas e ervas para banhos, o projeto devolve à comunidade um material indispensável para os rituais, integrando a arquitetura à prática religiosa.

Além da árvore já citada, o jardim conta com uma curadoria de plantas medicinais e de energia, entre elas, comigo-ninguém-pode, espada de São Jorge, mamona, mangueira, manjerição, alecrim, boldo, arruda, melão de São Caetano, espada de Santa Bárbara, guiné, beldroega, calêndula, capim cidreira, lavanda, pitanga, crisântemo e samambaia.

IMAGEM 23: Esquema de projeto paisagístico preliminar

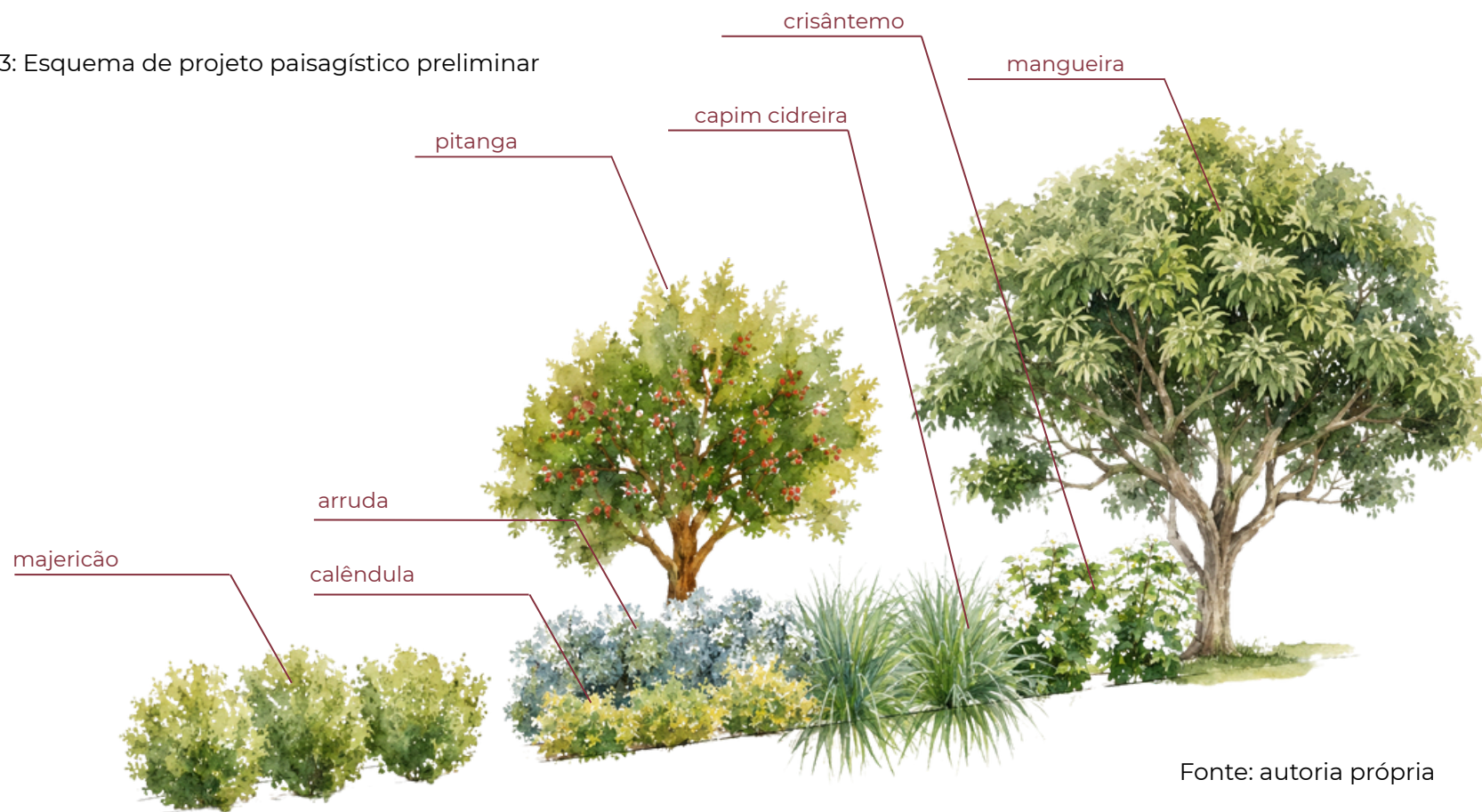


IMAGEM	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	INSOLAÇÃO	PORTE	USO PRINCIPAL
	COMIGO-NINGUÉM-PODE	<i>Dieffenbachia seguine</i>	Sombra / Meia-sombra	0,5 a 1,2 m	banho/proteção do ambiente
	ESPADA DE SÃO JORGE	<i>Sansevieria trifasciata</i>	Sol pleno / Meia-sombra	0,7 a 0,9 m	banho/proteção do ambiente
	MAMONA	<i>Ricinus communis</i>	Sol pleno	2,0 a 4,0 m	banho/diversos
	MANGUEIRA	<i>Mangifera indica</i>	Sol pleno	10 a 35 m	banho
	MANJERICÃO	<i>Ocimum basilicum</i>	Sol pleno	0,3 a 0,6 m	banho/chá
	ALECRIM	<i>Salvia rosmarinus</i>	Sol pleno	0,5 a 1,5 m	banho/defumação
	BOLDO/TAPETE DE OXALÁ	<i>Plectranthus barbatus</i>	Sol pleno/meia sombra	1,0 a 2,0 m	banho/chá
	ARRUDA	<i>Ruta graveolens</i>	Sol pleno	0,6 a 1,0 m	banho/defumação
	MELÃO DE SÃO CAETANO	<i>Momordica charantia</i>	Sol pleno/meia sombra	Herbáceo (trepadeira)	banho

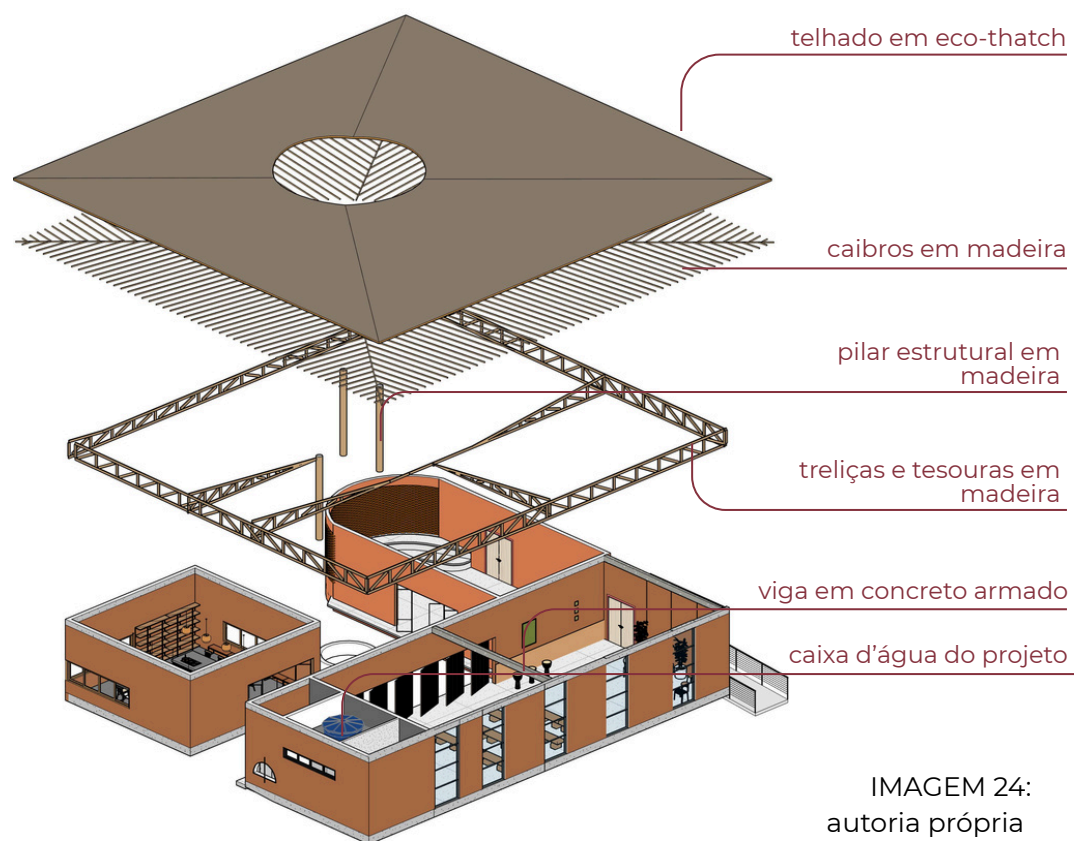
TABELA 1
Fonte: autoria própria

IMAGEM	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	INSOLAÇÃO	PORTE	USO PRINCIPAL
	ESPADA DE SANTA BÁRBARA	<i>Sansevieria trifasciata 'Laurentii'</i>	Sol pleno / Meia-sombra	0,7 a 0,9 m	banho/proteção do ambiente
	GUINÉ	<i>Petiveria alliacea</i>	Meia-sombra / Sombra	0,5 a 1,0 m	banho/defumação
	BELDROEGA	<i>Portulaca oleracea</i>	Sol pleno	0,1 a 0,3 m	banho
	CALÊNDULA	<i>Calendula officinalis</i>	Sol pleno	0,3 a 0,5 m	banho/remédios
	CAPIM CIDREIRA	<i>Cymbopogon citratus</i>	Sol pleno	1,0 a 1,5 m	banho/chá
	SÁLVIA	<i>Salvia officinalis</i>	Sol pleno	0,4 a 0,7 m	banho/chá/defumação
	LAVANDA/ALFAZEMA	<i>Lavandula angustifolia</i>	Sol pleno	0,4 a 0,6 m	banho/defumação
	CRISÂNTEMO	<i>Chrysanthemum morifolium</i>	Sol pleno / Meia-sombra	0,3 a 0,6 m	banho
	SAMAMBAIA	<i>Nephrolepis exaltata</i>	Meia-sombra / Sombra	0,4 a 0,7 m	banho

TABELA 2
Fonte: autoria própria

3.2.4. A COBERTURA

A materialidade da cobertura foi inspirada em Omolu, também chamado de Obaluaê. A estrutura conta com treliças e tesouras de madeira, caibros e uma cobertura em Eco-Thatch, uma palha sintética e ecológica resistente à degradação do tempo, e pouco permeável, portanto, garante uma cobertura mais leve e duradoura sem perdas em relação à representação escolhida.



A Eco-Thatch utiliza uma estrutura bem simples, de caibros de madeira ou PVC. A palha é instalada com uma técnica similar a um nó, criando uma espécie de trança na palha. A angulação de instalação é livre entre 8% e 45%, considerando que é um material extremamente leve e de baixa absorção de água. Para a cobertura da Casa de Memória, utilizamos uma variação nas águas entre 8 e 15% de inclinação, para garantir uniformidade na altura dos pontos mais elevados, compreendendo a inclinação interna e a diferença no tamanho das águas.

IMAGENS 25 e 26: Eco-Thatch instalada



Fonte: <https://www.palmex-international.com/brasil/>
acesso em 12 de julho de 2026

3.3. O INVISÍVEL

Entre os detalhes que passam despercebidos, apenas o olhar iniciado ou o atento observador é capaz de compreender que não se trata de meros adornos ou acasos arquitetônicos. Eles são a materialização da ambiência, pequenos gestos, orientações de fluxos, a escolha de materiais que evocam elementos naturais ou a disposição de um objeto que, para o desconhecido, parece comum, mas que, no fundamento, sinaliza uma conexão profunda entre o *aiyê* e o *orum* (Menezes, 2012). Esses detalhes representam a resistência silenciosa da cultura afro-diaspórica: a capacidade de manter o sagrado vivo na espacialidade cotidiana. Eles não existem para serem decifrados publicamente, mas para serem sentidos como parte de um todo que, embora invisível aos olhos alheios, pulsa com a energia do Axé em cada canto do projeto. Esses detalhes concretizam o propósito central da Casa de Memória: contar a história das religiões de matriz africana. O museu não está na exposição de peças furtadas de uma comunidade ou reproduzidas. A arquitetura é a própria exposição, e é através dela que compreendemos cada um dos Orixás e entidades.

Na capa do capítulo pudemos ver o letreiro com o nome do projeto: Aláfia. O nome faz parte de um dos detalhes invisíveis, porque apesar de bem evidente na fachada do projeto, o significado dele é profundo e passa quase despercebido. Aláfia é uma palavra em Iorubá

que significa prosperidade, caminhos abertos e positividade no jogo de búzios, e é por isso que o I no letreiro é representado por um búzio. Veja a imagem a seguir:

IMAGEM 27: Logo do projeto



Fonte: autoria própria

Os detalhes invisíveis não estão escondidos; habitam os lugares mais evidentes do projeto, esperando apenas para serem sentidos. Embora a compreensão racional não seja uma exigência, já que a obra foi concebida para a experiência sensível, cumpro aqui o papel acadêmico de apontar alguns desses elementos. Revelá-los, contudo, não anula o convite principal: o de apenas sentir.

3.3.1. O BANHEIRO

Pessoas recém-iniciadas no candomblé passam por um período de resguardo, chamado de preceito. Durante esse tempo, por uma questão ritualística que não vem ao caso, evitam alguns tipos de condutas, locais, vestimentas, alimentos e ações. As restrições são particulares e dependem do terreiro da feitura, da iniciação e do médium, mas em muitos casos existe restrição de se olhar no espelho. Por isso, o banheiro foi cuidadosamente pensado e não possui espelhos nas cabines nem nos lavatórios. O único espelho, portanto, localiza-se no vestiário, mais adiante da área dos banheiros, separado por uma porta.

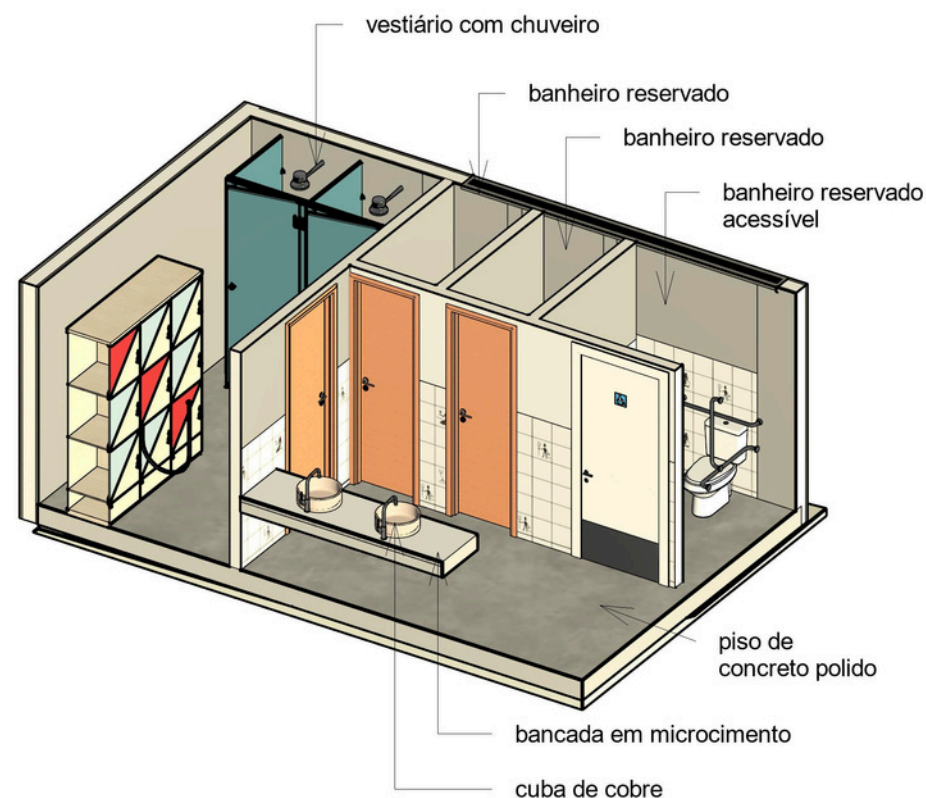
Além disso, o banheiro possui revestimento de meia parede com um azulejo branco intercalado inspirado nos azulejos expostos na Casa do Rio Vermelho em janeiro de 2026, em Salvador. As cerâmicas em questão são pintadas à mão e são exclusivas, com apenas uma peça de cada arte. A proposta aqui é uma reprodução intercalada com peças brancas a serem instaladas com rejunte preto (ver imagem XX).

IMAGEM 28 - azulejos em exposição na Casa do Rio Vermelho



Foto por Sophia Hipolito

IMAGEM 29:
autoria própria



O livro de itans, nome dado às lendas iorubás, escrito por Pierre Verger e ilustrado por Carybé, Lendas Africanas dos Orixás, possui uma lenda que foi fundamental para inspiração da materialidade do banheiro. A lenda fala sobre a vaidade de Oxum e a importância que ela dá ao cobre. Portanto, decidi utilizar as cubas de cobre.

IMAGEM 30: Oxum por Carybé



Fonte: Lendas Africanas dos Orixás, Carybé, p.43

Orê Yeyé ô!

Oxum era muito bonita, dengosa e vaidosa.

Como o são, geralmente, as belas mulheres.

Ela gostava de panos vistosos, marrafas de tartaruga e tinha, sobretudo, uma grande paixão pelas jóias de cobre.

Antigamente, este metal era muito precioso na terra dos iorubas.

Só uma mulher elegante possuía jóias de cobre pesadas.

Oxum era cliente dos comerciantes de cobre.

Omiro wanran wanran wanran omi ro!

“A água corre fazendo o ruído dos braceletes de Oxum!”

Oxum lavava suas jóias antes mesmo de lavar suas crianças.

Mas tem, entretanto, a reputação de ser uma boa mãe e atende as súplicas das mulheres que desejam ter filhos.

Oxum foi a segunda mulher de Xangô.

A primeira chamava-se Oiá-lansã e a terceira Obá.

Oxum tem o humor caprichoso e mutável.

Alguns dias, suas águas correm aprazíveis e calmas, elas deslizam com graça, frescas e límpidas, entre margens cobertas de brilhante vegetação.

Numerosos vãos permitem atravessar de um lado a outro. (Verger, 1997, p.42)



IMAGEM 31: autoria própria com auxílio de IA para renderização

3.3.2. A RECEPÇÃO

A sala frontal do projeto, que funciona como uma recepção, apesar de não obrigar os visitantes a passarem por dentro para acessar qualquer outro espaço, possui um layout simples e flexível. Com um espaço dedicado a Exu à esquerda do projeto, bancos e cadeiras reposicionáveis e painéis de madeira pivotantes de correr, é o maior cômodo do projeto e pode funcionar como espaço para diversas ritualísticas, reuniões, festas, danças e cursos. A proposta é exatamente essa: o ritual molda o espaço, e não o contrário.

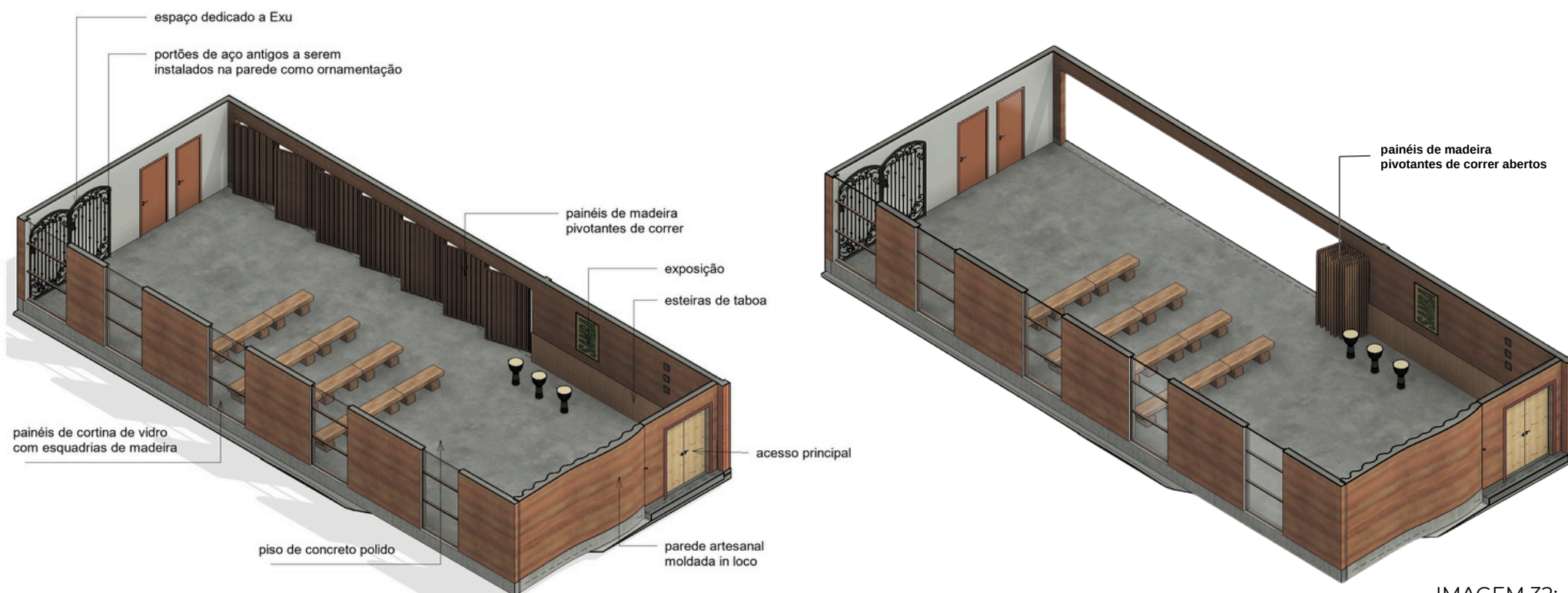
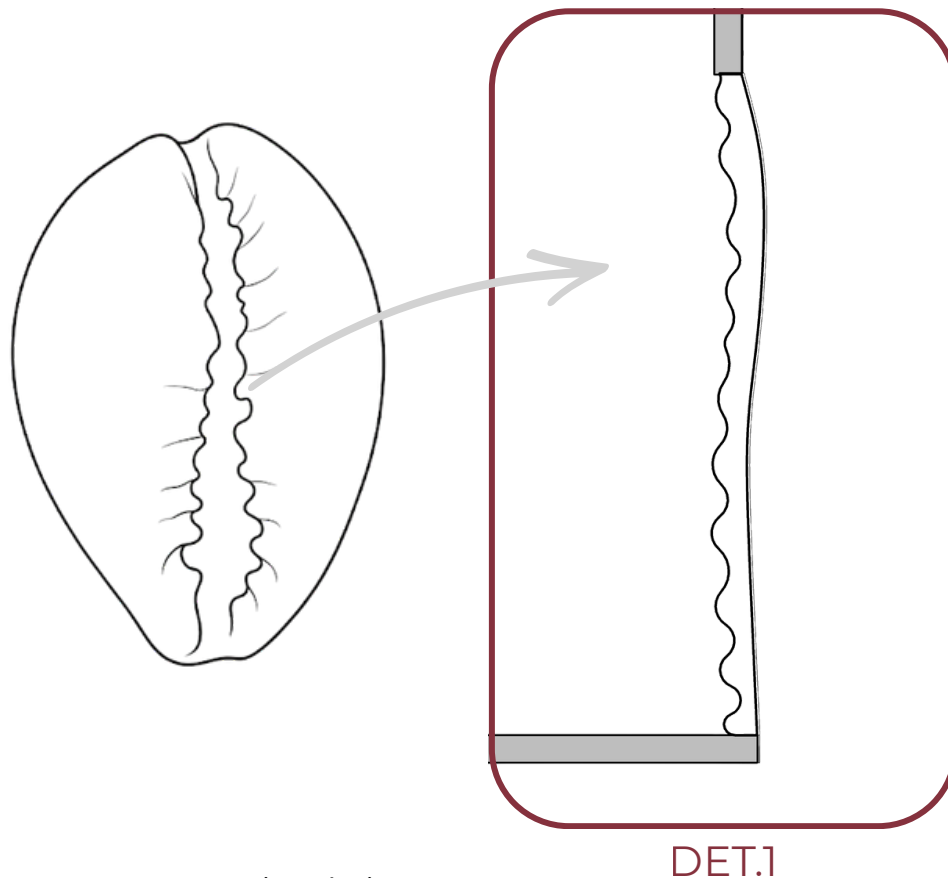


IMAGEM 32:
autoria própria

Ainda na sala frontal da Casa de Memória Aláfia, alinhada à busca pela representatividade dos Orixás e elementos da religião, desenvolvi uma parede artesanal a ser moldada *in loco* com a pau à pique que referencie o jogo de búzios, e consequentemente o Ifá, o oráculo relacionado. Ver planta 59, chamada de detalhe 1.

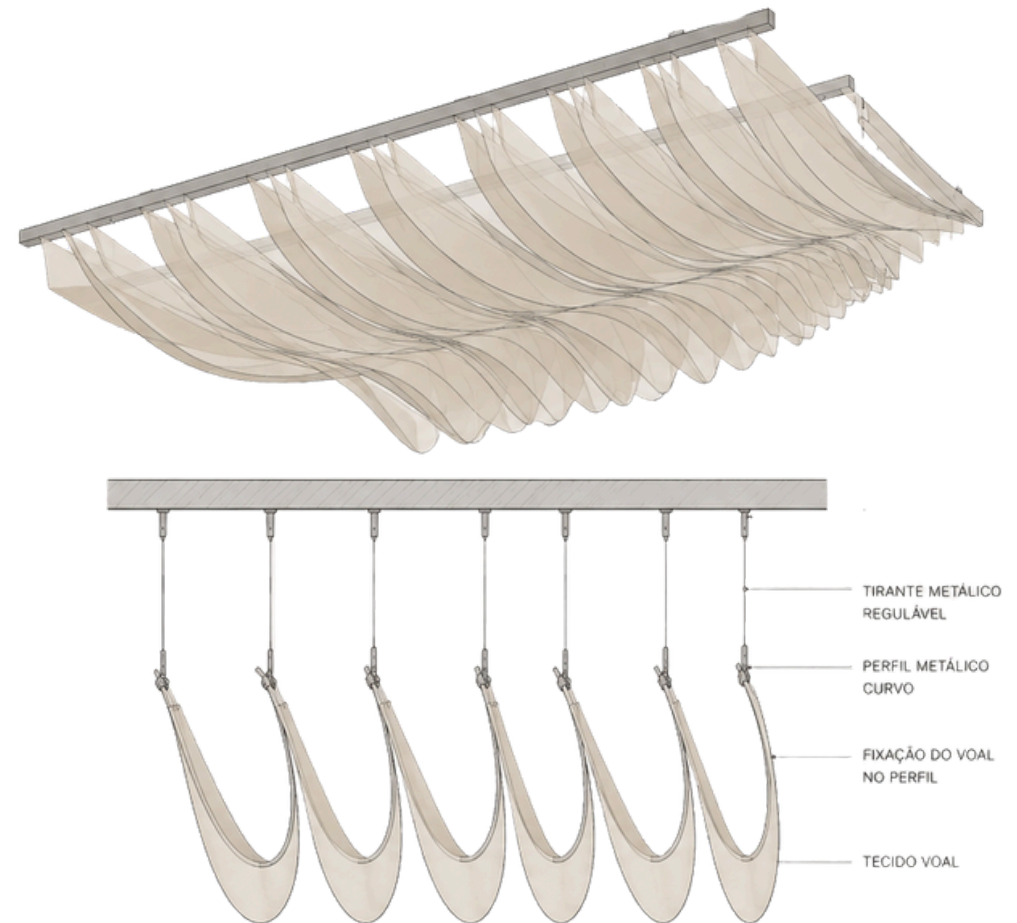
IMAGEM 33: Diagrama da parede Búzios



Fonte: autoria própria

Além disso, utilizei tiras de tecido voal instalados perpendicularmente ao forro a fim de criar movimento com o vento, e ilustrar a presença de lansã. Esse equipamento garante que o vento seja percebido visualmente, e juntamente a isso, cria um movimento que recorda o movimento das águas.

IMAGEM 34: Diagrama do forro de voal



Fonte: autoria própria



IMAGEM 35: autoria própria com
auxílio de IA para renderização

3.3.3. A SALA DE ARQUIBANCADAS

A sala de arquibancadas também foi projetada para permitir flexibilidade, mas nesse caso, a flexibilidade é mais relacionada ao uso do que ao layout. É um espaço amplo, muito ventilado e com um equipamento fixo de uma arquibancada de dois patamares que permite o uso para festividades e apresentações. Como materiais, usei o tijolo ecológico, que já tem fins estruturais, e mantive o piso em radier de concreto polido.

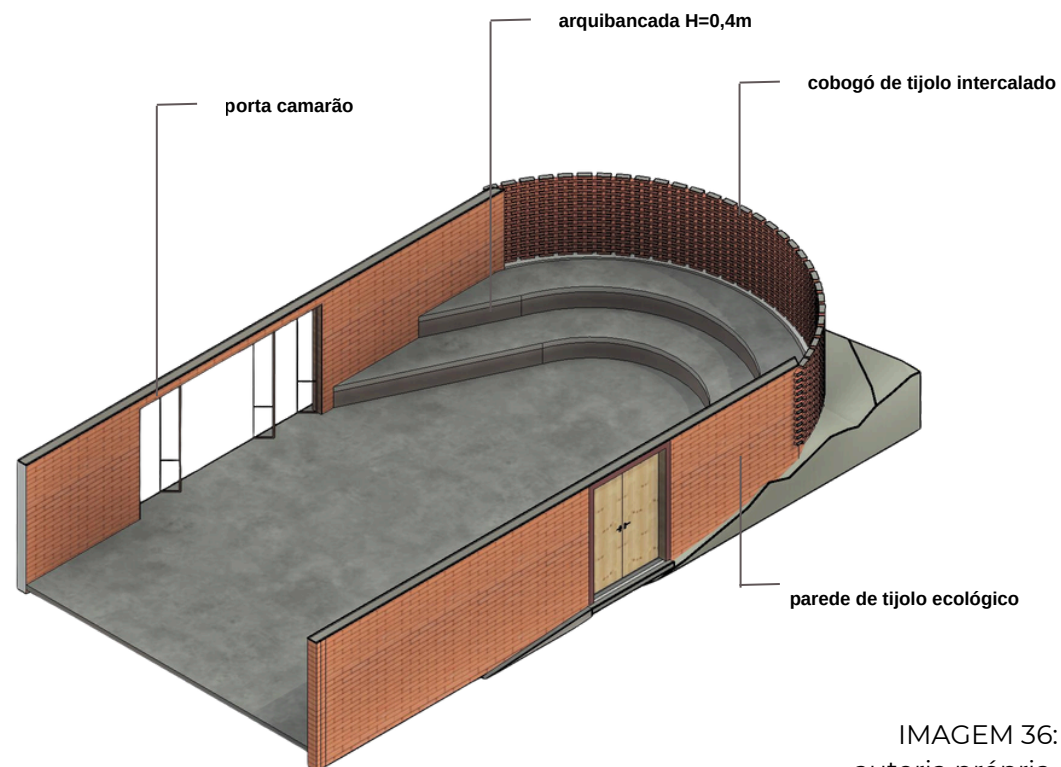
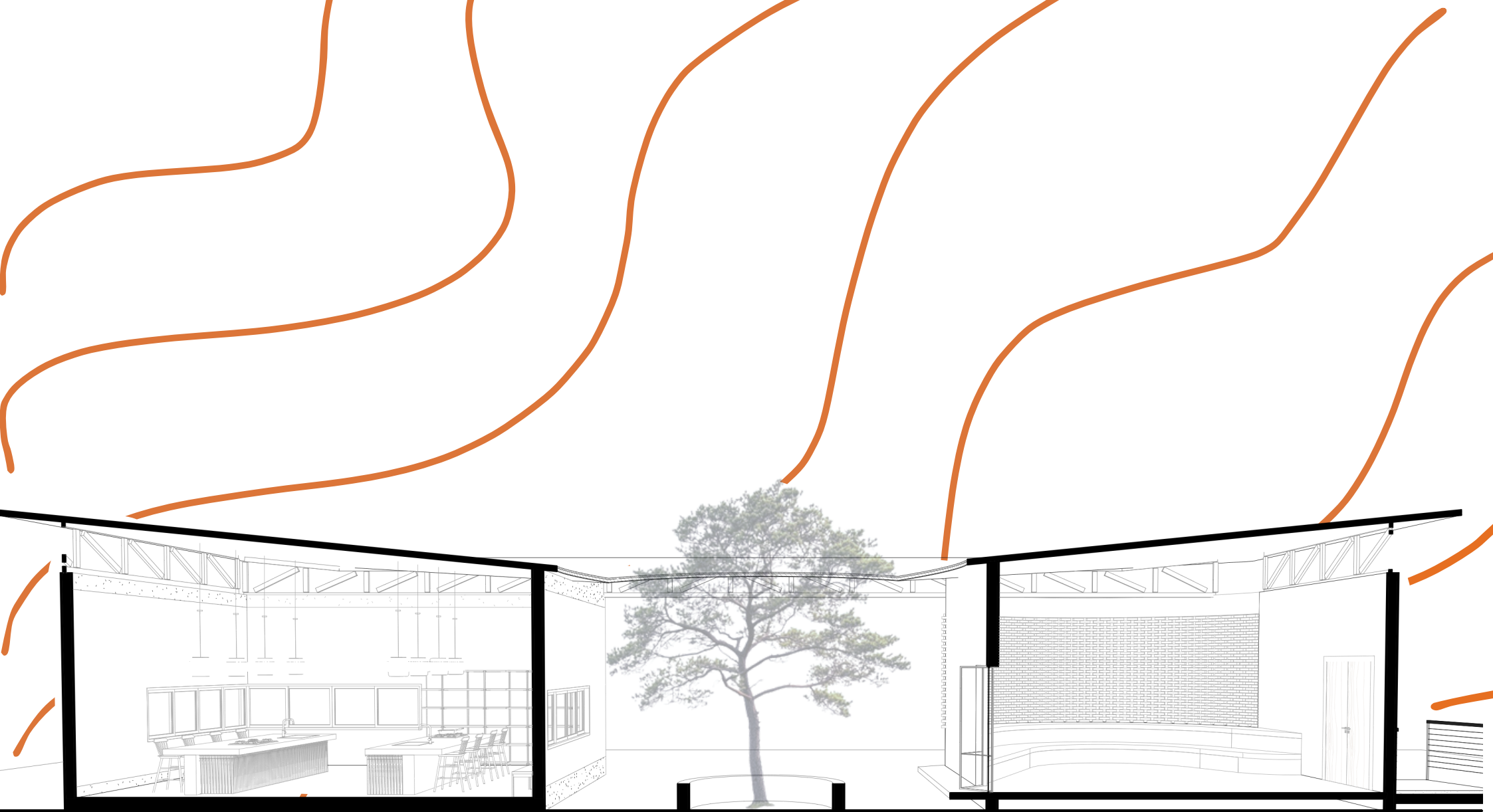


IMAGEM 36:
autoria própria





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, busquei responder a uma pergunta que me acompanha desde minha chegada a Ouro Preto: por que uma cidade construída, literal e simbolicamente, pelo trabalho e pelo saber da população negra escravizada segue contando sua história majoritariamente a partir da perspectiva colonial e católica, relegando às margens as religiões que essa mesma população trouxe e recriou em solo brasileiro? A pesquisa bibliográfica revelou que essa marginalização não é acidental, mas fruto de um processo histórico e institucional de invisibilização, da imposição do catolicismo

no período colonial à criminalização do curandeirismo, ao qual as comunidades de terreiro responderam com estratégias de resistência que vão do sincretismo religioso à organização política contemporânea. A Casa de Memória da Cultura de Terreiro, batizada Aláfia, é a resposta projetual a essa constatação: um equipamento que não pretende documentar o Axé por meio de peças expostas atrás de vitrines, mas fazer da própria arquitetura o meio de contar essa história.

O processo de projeto reafirmou algo que talvez seja a principal contribuição deste trabalho: a compreensão de que a arquitetura de terreiro não nasce de um programa arquitetônico fixo, mas dos próprios rituais. O espaço é fluido, e é o corpo em movimento, a disposição dos objetos e a ambiência sonora e sensorial que transformam um ambiente profano em um lugar sagrado. Essa lógica, evidenciada nas conversas com o sacerdote Pedro Gregório, orientou decisões centrais do partido, como a organização em torno de uma árvore sacralizada, a recepção sem acesso frontal hierarquizado e a distribuição de ambientes que foram concebidos para acolher essas práticas com flexibilidade, assim como acontece hoje nos terreiros que, por não possuírem casa própria, reorganizam simbolicamente o espaço que têm.

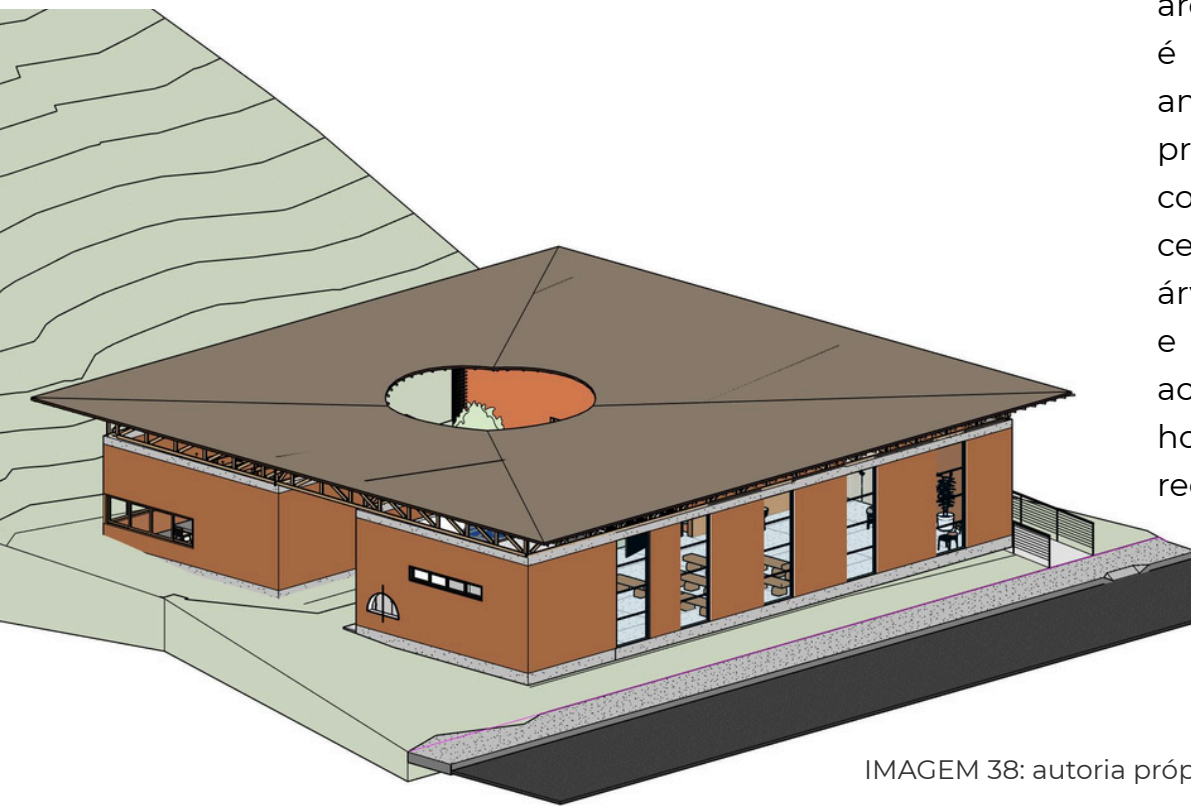


IMAGEM 38: autoria própria

REFERÊNCIAS

CUNHA, Janine Maria Viegas. **Conselho do Povo de Terreiro do Estado do Rio Grande do Sul - CPTERS**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/206620>. Acesso em 21 de jan 2026.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; ARAÚJO, Patrício Carneiro. **Entre os saberes e o segredo: narrativas insiders sobre ser do santo e pesquisar os candomblés**. Revista da ABPN, v. 14, n. 39, p. 411-433, 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Religiões: Resultados preliminares da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE, 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/>. Acesso em: 13 jan. 2026.

KLOPPENBURG, Boaventura. **A Umbanda no Brasil: orientação para os católicos**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 1961. MAGGIE, Yvonne. Medo de Feitiço: Guerra de Orixá. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MENEZES, Claudia Castellano. **Agô, Inaê, Odoyá! Arquitetura e construção cultural do espaço dos terreiros**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MOUTINHO, Nathalia. **A Fé que Canta e Dança: possibilidades para o Afroturismo em Ouro Preto – MG. 2025**. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2025

OURO PRETO. **Casa de Cultura Negra de Ouro Preto atende cerca de 200 pessoas com projetos sociais**. Disponível em <https://www.ouropreto.mg.gov.br/turismo/noticia/4428>. Acesso em 19 de jan de 2026.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Termo Circunstanciado de Ocorrência nº 2024-010297539-001**. Ouro Preto, 05 mar. 2024.

REFERÊNCIAS

- REIS, Bruna Gonçalves de Pádua. **"Salve Maria" : as distintas manifestações do Congado na cidade de Ouro Preto (MG).** (Dissertação de Mestrado). Antropologia, UFPR, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/72508>. Acesso em 24 de jan de 2026
- SANTOS, Maurício. **Arquiteturas que comem: os espaços alimentados do terreiro.** In: **Dicionário de arquitetura de terreiros.** Organizado por MALOCA Grupo de Estudos Multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul . Foz do Iguaçu: Unila, 2021. p. 57.
- SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- TRINDADE, Jaelson Bitran. **Iconografia em suspeição: a destituição de S. Gregório Magno na decoração da Igreja de Santa Efigênia do Alto da Cruz, em Ouro Preto.** Encontro de História da Arte, Campinas, SP, n. 14, p. 56–80, 2019. Disponível em: <https://econtents.sbu.unicamp.br/eventos/index.php/eha/article/view/3312>. Acesso em: 23 jan. 2026.
- VELAME, Fábio. **Atinsás: as árvores sagradas nas arquiteturas dos terreiros de Candomblé.** In: **Dicionário de arquitetura de terreiros.** Organizado por MALOCA Grupo de Estudos Multidisciplinares em Urbanismos e Arquiteturas do Sul . Foz do Iguaçu: Unila, 2021. p. 68.
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas africanas dos Orixás.** Ilustrações de Carybé. 4. ed. Salvador: Corrupio, 1997. 96 p.42
- VERGER, Pierre Fatumbi. **Orixás: Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo.** Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega: Editora Corrupio, 1981
- VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu: programa de desordem absoluta.** Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Ubu, 2023.

Espera-se que este projeto sirva não apenas como resposta acadêmica ao problema de pesquisa proposto, mas como contribuição concreta à demanda já identificada pela própria Prefeitura de Ouro Preto de ampliação da Casa de Cultura Negra, e como instrumento de enfrentamento à intolerância religiosa que segue atingindo as comunidades de terreiro da cidade. Como pesquisas futuras, sugere-se o aprofundamento do estudo sobre a viabilidade de implantação em terrenos alternativos no centro histórico, a elaboração de um projeto executivo detalhado e a escuta ampliada de outras lideranças religiosas de Ouro Preto e distritos, de modo a testar e enriquecer as premissas simbólicas aqui adotadas. Que este trabalho seja, como diz a epígrafe que o abre, *herança da memória*.

IMAGEM 39:
Autoria própria em foto
por Letícia Gabrielli





CONSTRUÇÃO EXISTENTE -
REPÚBLICA CANAÃ

	PERMITIDO NO TERRENO	NOVO PROJETO
TO	30%	21,58%
CA	1	0,14
AP	60%	78,42%

ACESSO
SECUNDÁRIO

ACESSO PRINCIPAL

1 IMPLANTAÇÃO
1:500

0 1 5 10 20



mangueira

pitanga

capim cidreira

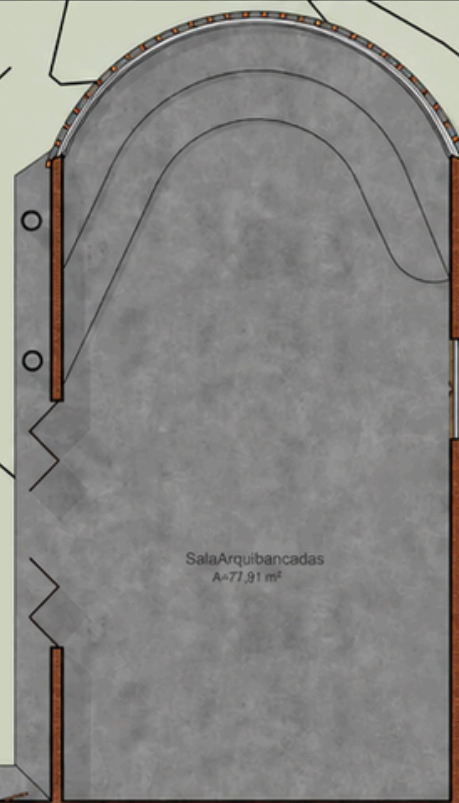
arruda

calêndula

majericão



Cozinha
A=27,76 m²

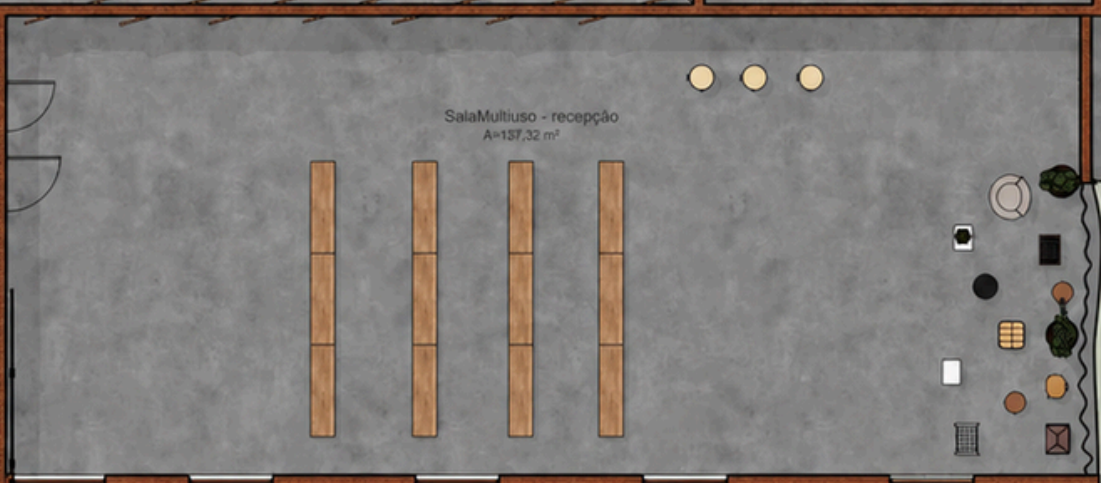


Sala Arqui bancadas
A=77,91 m²



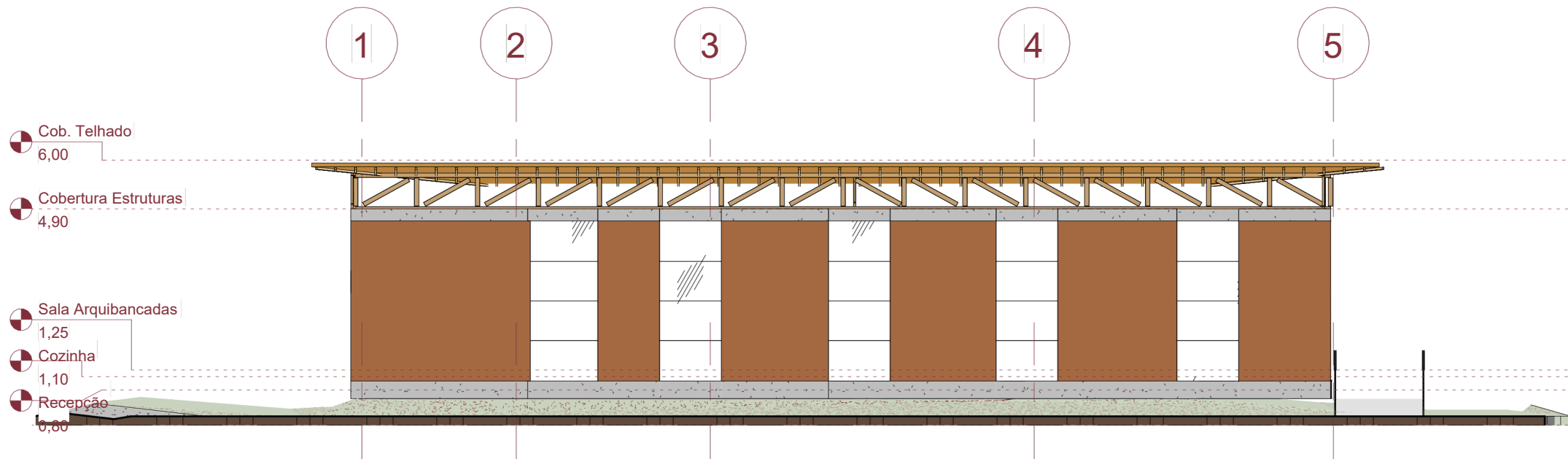
Almoxarifado
A=7,10 m²

Vestidário
A=6,21 m²

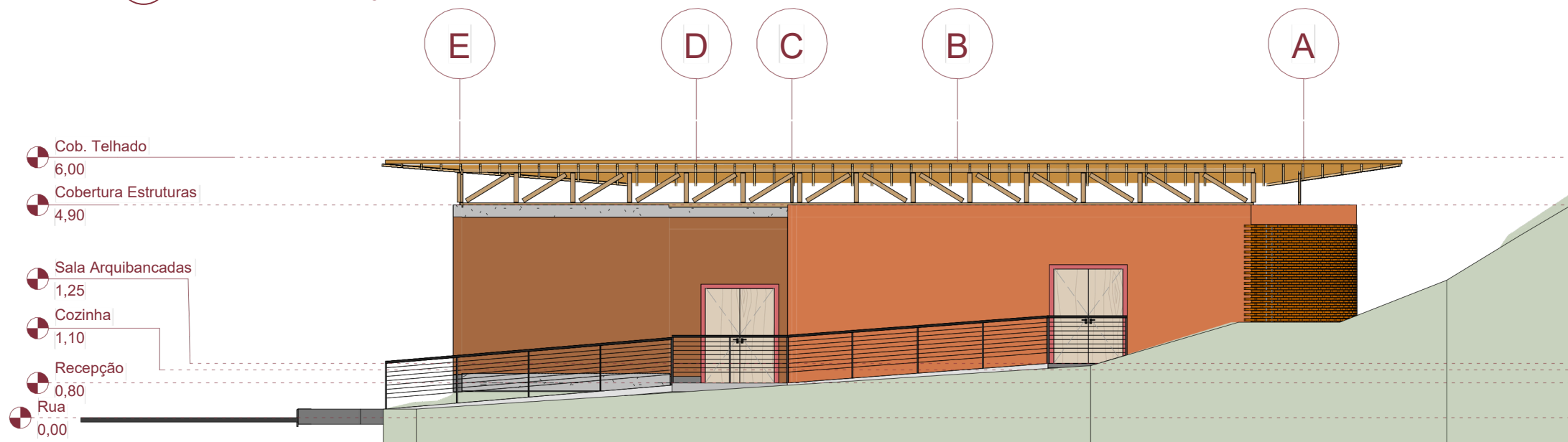


Sala Multiuso - recepção
A=157,32 m²

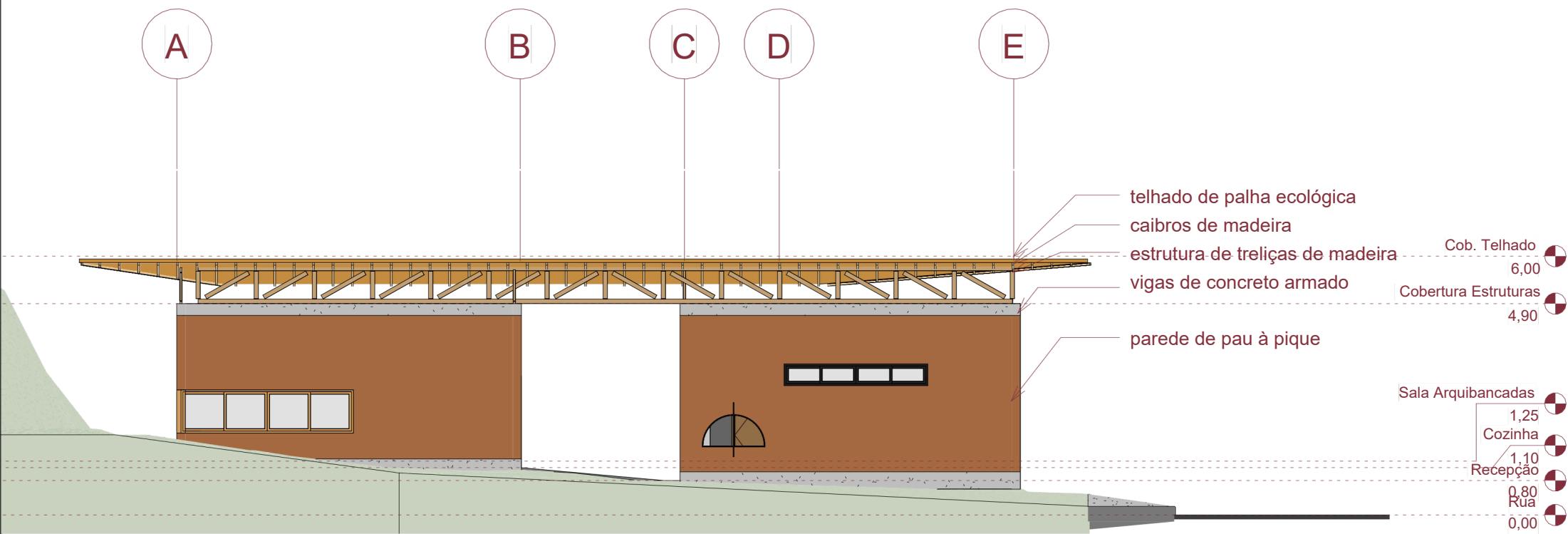
2 PLANTA DE LAYOUT
1:125



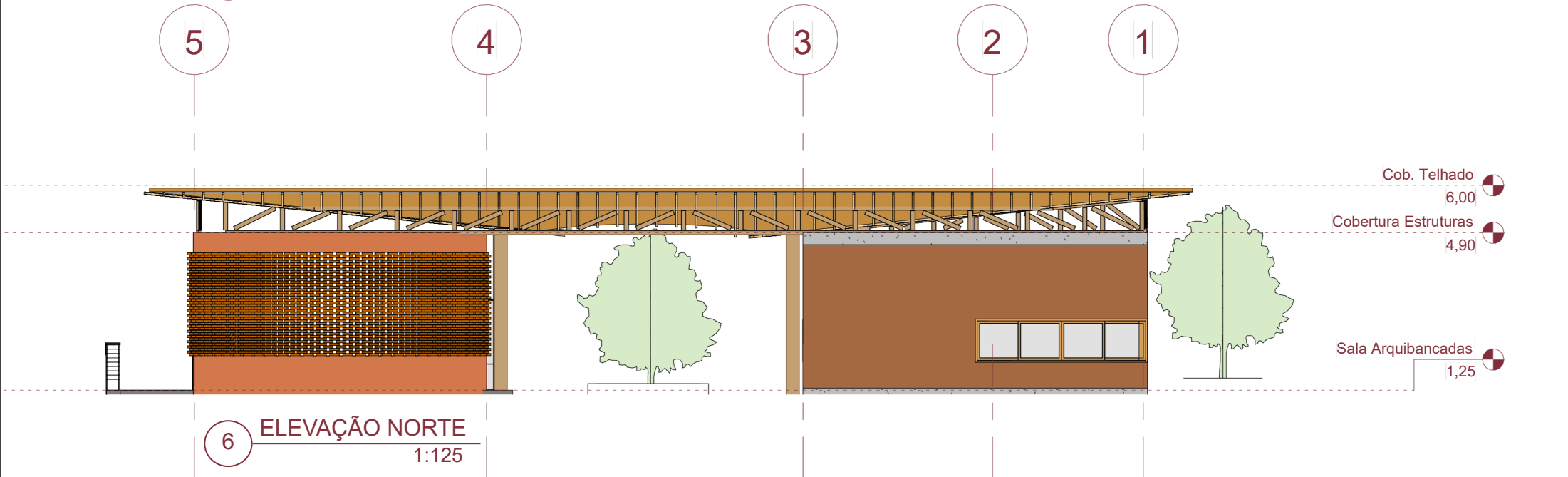
3 ELEVÇÃO SUL
1:125



4 ELEVÇÃO LESTE
1:125



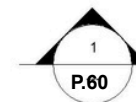
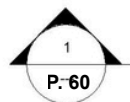
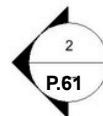
5 ELEVÇÃO OESTE
1:125



6 ELEVÇÃO NORTE
1:125

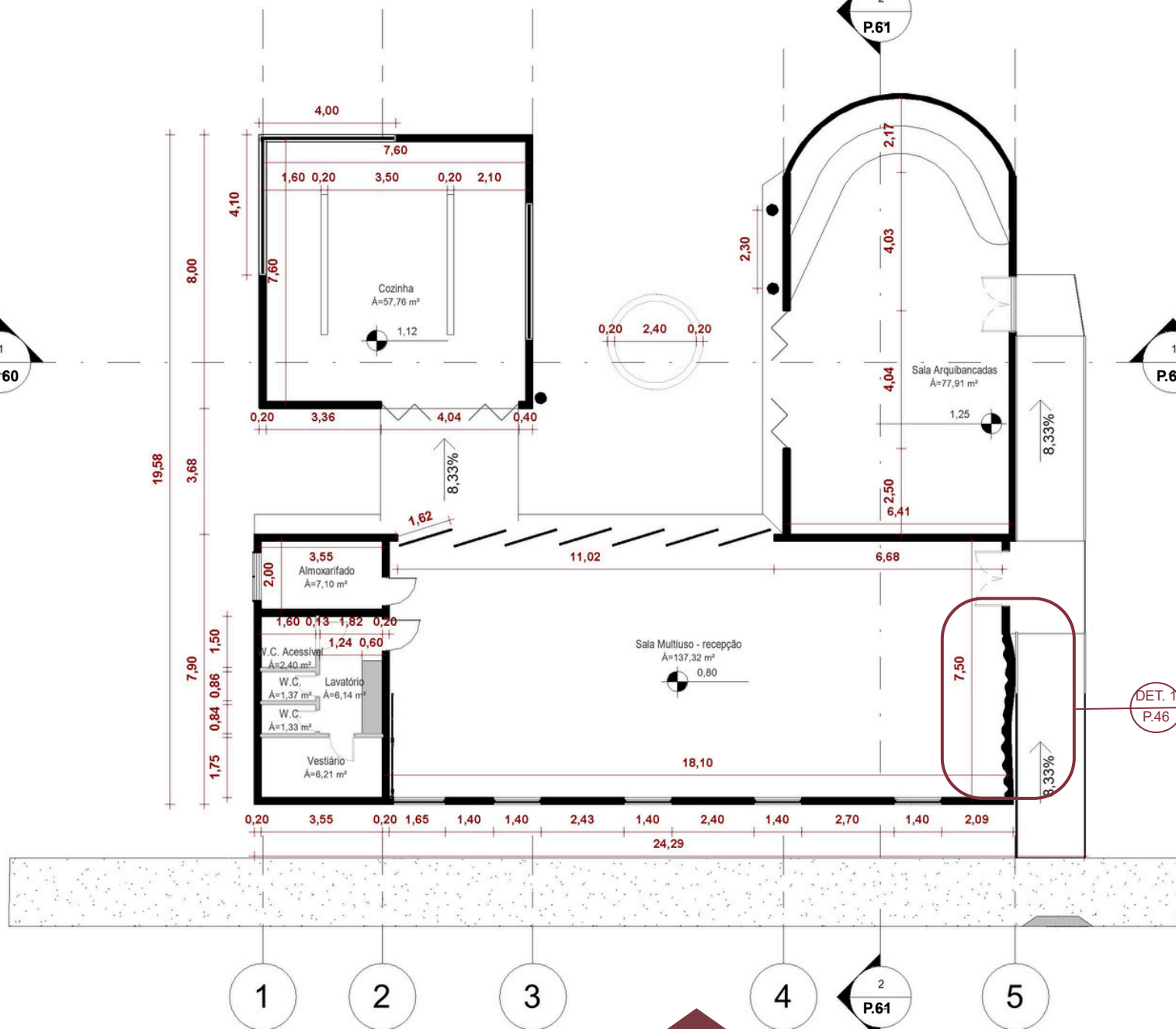


ELEVAÇÃO NORTE



ELEVAÇÃO OESTE

ELEVAÇÃO LESTE

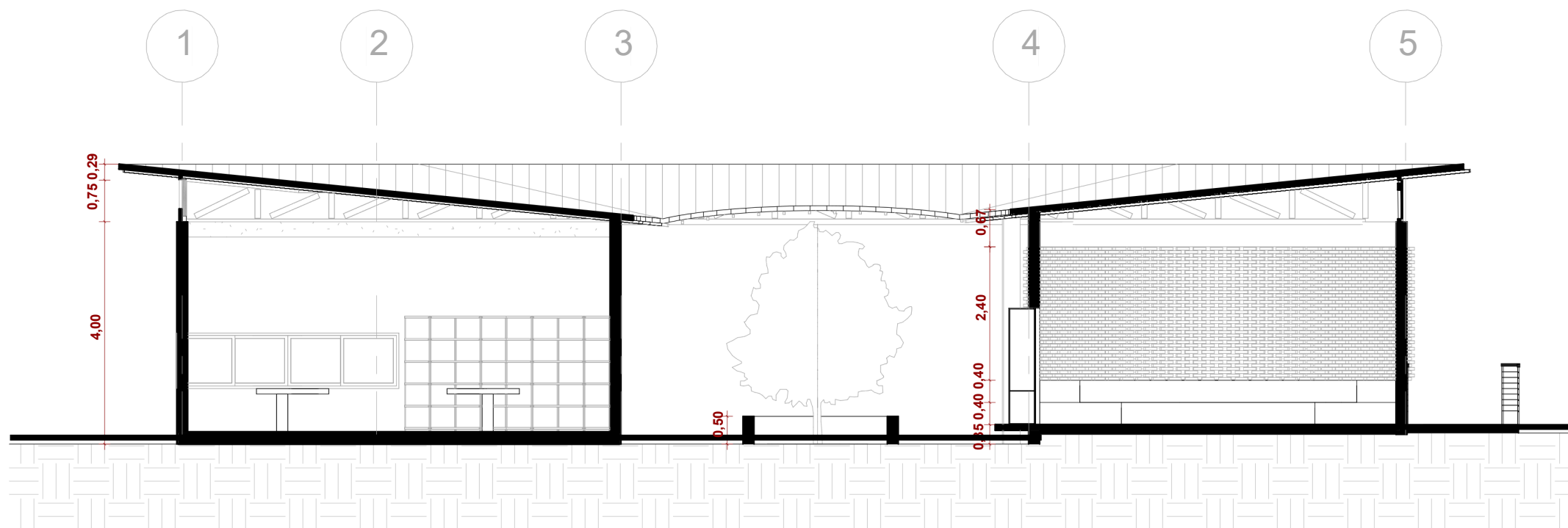


ELEVAÇÃO SUL

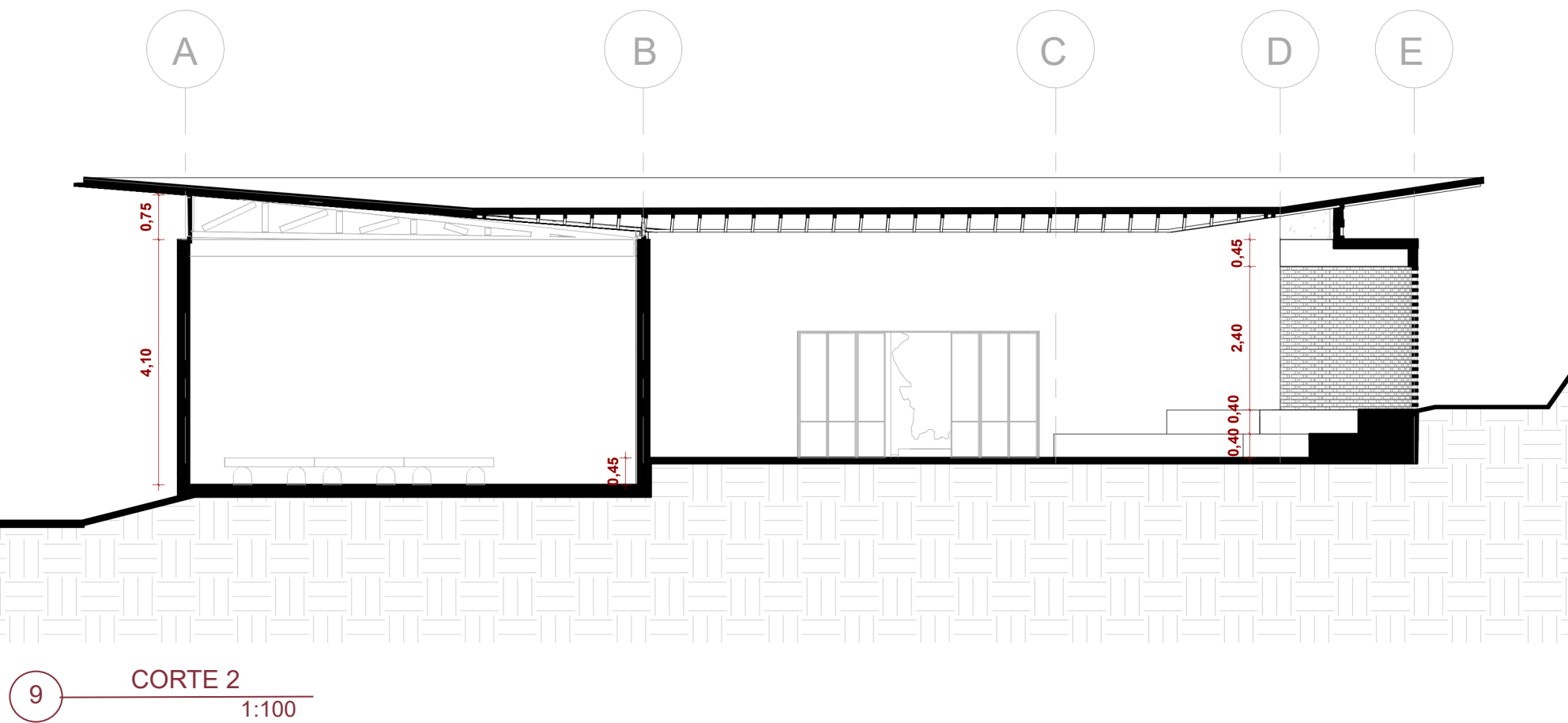
7

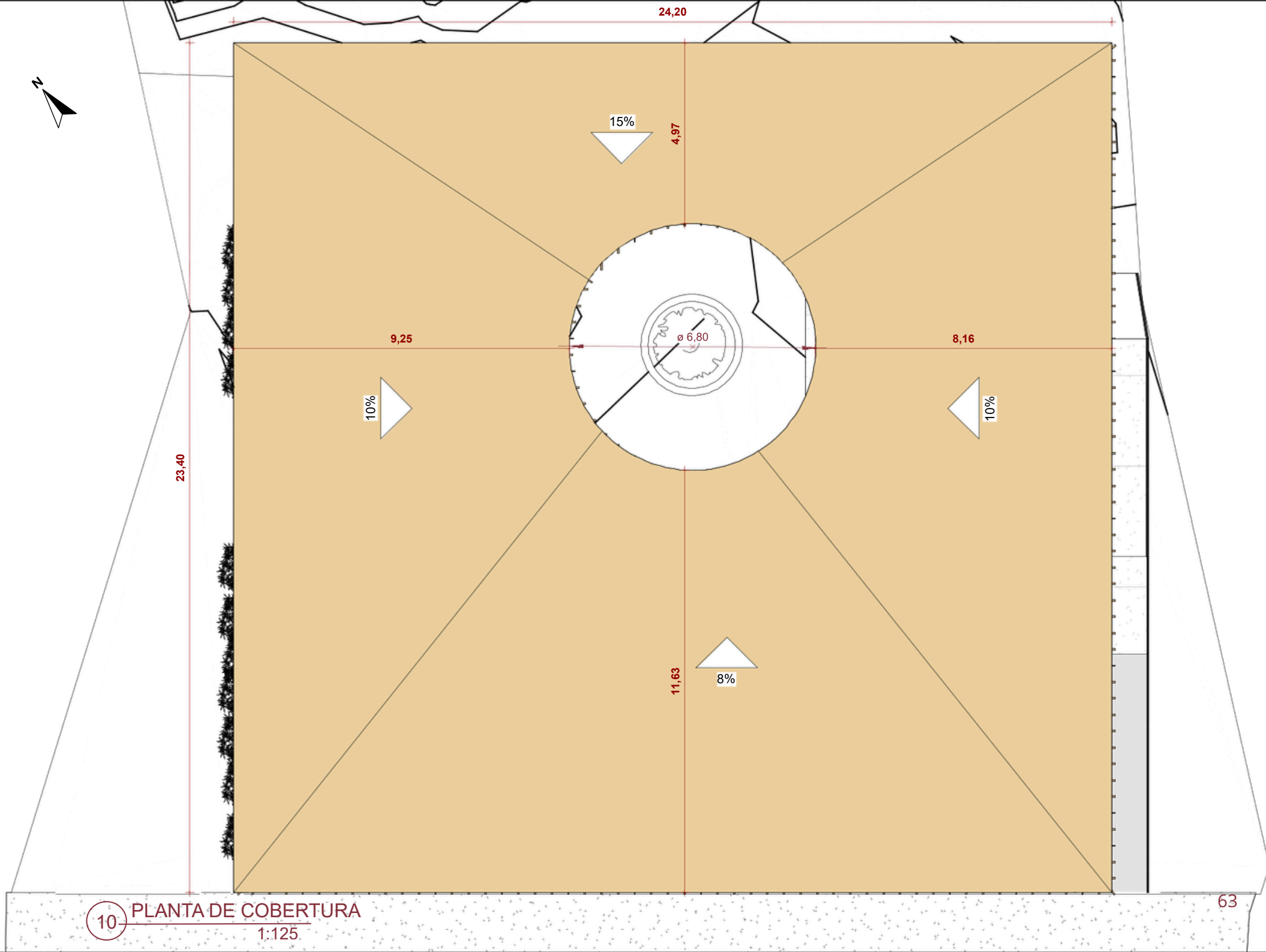
PLANTA BAIXA

1:150



8 CORTE 1
1:100





Durante a preparação deste documento, eu Elisa Bittencourt, estudante de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo declaro o uso de IAGen Gemini versão 2026 para revisão de texto e coesão; e ChatGPT versão 2026 para melhoria de imagem renderizada. Após o uso desta ferramenta, a pessoa autora revisou e editou o conteúdo em conformidade com os princípios éticos para uso de IAGen (resolução CONPEP 143) e com os acordos estabelecidos com a pessoa orientadora da pesquisa. Dessa forma, assumo total responsabilidade pelo conteúdo da publicação.

Prompts utilizados:

Gemini: Revise o texto a seguir e liste alterações convenientes para uma escrita mais fluida e coesa e correções gramaticais e de linguística.

ChatGPT: Faça melhorias na imagem a seguir para ficar mais parecido com uma fotografia. Faça apenas alterações de iluminação e textura NÃO alterando nenhuma característica de projeto e proporção.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

TERMO DE ENCAMINHAMENTO DO TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO 2

Nome do(a) Aluno(a): Elisa Dalla Bona Bittencourt

Nº de matrícula: 21.1.1013

Título do trabalho: Casa de Memória da Cultura de Terreiro: a religião de matriz africana em Ouro Preto (MG)

Orientador(a):

Eu, professor(a) Rodrigo da Cunha Nogueira, encaminho para avaliação final da disciplina (ARQ 381) o Caderno de TC 2, elaborado pelo(a) aluno(a) acima identificado(a), sob minha orientação. Declaro que o(a) aluno(a) foi frequente em mais de 75% das orientações.

Ouro Preto, 13 de Julho de 2026

Documento assinado digitalmente
gov.br RODRIGO DA CUNHA NOGUEIRA
Data: 12/07/2026 16:44:08-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do(a) orientador(a)